A CENA MUDA

O BONITÃO VICTOR MATURE
O MONUMENTAL "SPARTACO"
A NOVA "LUCRÉCIA BORGIA"
FALANDO SÔBRE "A RESPEITOSA"

Nº 40 ★ 30-9-53 ★ Cr$ 4,00 em todo o Brasil



KATHRYN GRAYSON

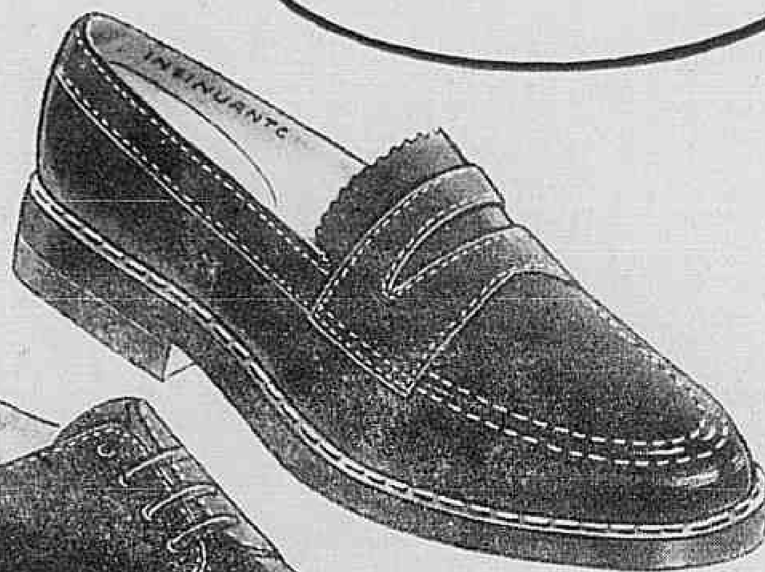
Renova sua vida de artista!

(REPORTAGEM NO TEXTO)

Bem Servir

CARACTERÍSTICA INCONFUNDÍVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE !

151



152



153



150 CRUZEIROS

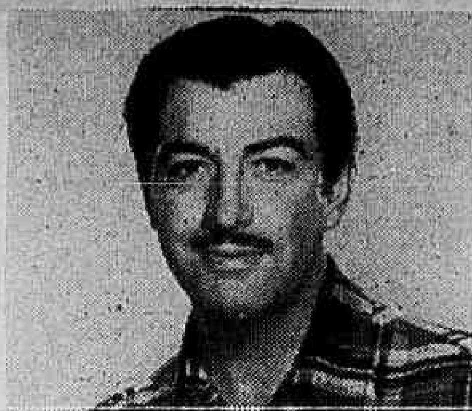
- SALTO DE BORRACHA
- ÓTIMA VAQUETA
- TÔDAS AS CÔRES
- NUMERAÇÃO DE 36/44
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR CR$ 5,00
- NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

insinuante

É a maior e melhor sapataria da América Latina e é também uma galeria a sua disposição.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Devolve a importância com o mesmo sorriso com que lhe vende



Robert Taylor pediu férias aos estúdios para poder passar algumas semanas em companhia de seu amor, Ursula Thiess, cada vez mais apaixonada pelo ex-marido de Barbara Stanwick. Falando nela, sabem que continua sòzinha, sòzinha? Coisas . . .



Olivia de Havilland divorciou-se de Marcus Goodrich e quer casar-se ràpidamente com um repórter de «Paris-Match». Olivia parece que deseja endireitar de uma vez por tôdas a sua vida sentimental. Naturalmente compreendeu que o tempo também passa. Coisas . . .



Gregory Peck andou em desentendimentos com o produtor de «Night People», filme que interpreta atualmente em Munique. Darryl Zanuck partiu para aquela cidade disposto a sanar todos os problemas. Êle tem feito isso de outras vêzes. Coisas . . .

CONVERSA da Semana

A FATALIDADE E OS ARTISTAS

★ *Profundamente lamentáveis são tôdas as notícias que chegam ao conhecimento do público, através dos jornais, sôbre acidentes sofridos pelos artistas. Geralmente os fãs sofrem com êsses acontecimentos muito mais do que os próprios ídolos, e isso está sucedendo agora quando da Itália mandam dizer que Errol Flynn estava dançando com uma "estrêla" que participava do Festival de Veneza e de repente fêz esforços tremendos para manter-se de pé. Levado para outro compartimento e examinado mais tarde por um médico, êste chegou a dolorosa conclusão (felizmente ainda não confirmada), de que o artista sofrera paralisia de ambas as pernas. Vocês calculem como não está sentindo o fato a querida "estrêla" Patrice Wymore, que esperando a visita da cegonha, recebe a notícia de que o espôso foi vítima da cruel fatalidade, agora que empreendia uma carreira vertiginosa na Europa, filmando sem cessar. Patrice deve estar passando por momentos de natural desespêro a confirmar-se todo o noticiário que tem sido, aliás, muito resumido em tôrno do caso, mas levando a crer, tratar-se de verdade.*

★ *Outro acontecimento lamentável foi o que envolveu a nova artista Susan Ball, da Universal. A garôta estava iniciando uma carreira brilhante quando machucou-se durante uma filmagem. A princípio pouca importância foi dada ao ferimento, mas depois verificou-se, com o correr dos dias, que o joelho da moça inchava de maneira a preocupar seu médico assistente. Nasceu um tumor e Susan passou a andar de muletas. Agora se diz que ela ficará paralítica, a exemplo do que sucedeu há alguns anos com a linda Susan Peters, recentemente falecida. Será lamentável que tal aconteça a Susan Ball, criaturinha alegre e feliz antes que a fatalidade a colhesse nas suas garras.*

★ *Um artista argentino radicado no Brasil, Carlos Tagle, descia as escadas de uma "boite" onde trabalhava, caindo de maneira espetacular e fraturando ossos da clavícula e braço. Recolhido a um hospital, Carlos Tagle, que é cantor e vive exclusivamente de seu trabalho, guardará o leito por vários meses, privado de participar dos novos "shows" e aceitando a colaboração espontânea de seus colegas, que ao saber do fato, logo se cotizaram para cobrir os gastos necessários para a cura completa do companheiro atingido por essa madrasta que é a fatalidade.*

★ *Fatalidade também foi o que aconteceu com o veteraníssimo Lewis Stone, que descansava em sua linda residência perto de Hollywood. Uns garotos endiabrados começaram a causar estragos na piscina do artista. Êste ficou possesso e saiu a persegui-los. Seu coração era fraco demais e não aguentou o esfôrço. Caiu fulminado por um colapso cardíaco, êle que desde o princípio do cinema em Hollywood, emprestava o seu talento aos filmes de maior sucesso, incluindo os da série Andy Hardy, na Metro. Ainda recentemente, Lewis Stone fôra homenageado poraquêle estúdio, que recolhecia-lhe a dedicação e a probidade como ator cinematográfico. Uma fatalidade!*

★ *Por pouco a fatalidade não atingiu em cheio o cinema brasileiro na pessoa de Cyll Farney. O conhecido "galã" da Atlântida estava filmando uma das cenas movimentadas de uma película, quando em dado momento um dos "extras" quis fazer a coisa bem "real", e quase levava consigo o queixo do artista! Cyll foi parar no hospital e levou alguns pontos que não chegaram a causar maior estrago ao seu rosto, felizmente.*

Enumerando aqui todos êsses fatos lamentáveis, deixamos claro, mais uma vez, que os artistas são como nós, seres humanos, sujeitos aos caprichos da vida e vítimas, muitas vêzes das circunstâncias. Também êles podem ser colhidos, sem aviso é claro, pela fatalidade!

A CENA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor
Gratuliano Brito
Publicidade
Severino Lopes Guimarães

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade. 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

Representante nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito 1818, N. Whitley — Av — apt. 202, Hollywood, 28, California

EM S. PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino Rua Capitão Salomão, 69. Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

SUMÁRIO

Conversa da Semana 3
Vida do cinema 4
Kathryn Grayson 5/ 7
O bonitão Victor Mature 8/ 9
Falando sôbre «A . . . respeitosa» .. 10
Cine - romance: «O Grito de Sangue» 14/15
Rádio 14/15
Os jornalistas brasileiros assistem «Museu de Cêra» 16
O monumental «Spartaco»! 17/19
Cinema nacional em foco 20/21
Cine-histórias: «Os Implacáveis» .. 22/23
Correio da Europa: A nova Lucrécia Bórgia 24/25
Bastidores 26/27
Cine-novela: «Acapulco» (Final) .. 28/29
Cine Variedades 30/31
Página do Leitor 33

NOSSA CAPA



Kathryn Grayson, graciosa «estrêla» da Warner Bros., vive o seu sonho em «Gloriosa Consagração», o filme que dá início a uma nova fase em sua carreira, e que é assunto da reportagem publicada nas págs. 5, 6 e 7, desta edição.





A bela e elegante atriz Laura Hidalgo é vista aqui ao lado do famoso diretor, Emilio Fernandez, "El Indio" e do ator Rodolfo Landa, nos estúdios da Filmex, durante a realização de "Las Três Perfectas Casadas", protagonizado pela encantadora artista argentina.

a Vida do Cinema

Jeff Chandler, o popularíssimo "astro" da Universal, adora brincar com as crianças que de vez em quando aparecem nos estúdios daquela Companhia. Ei-lo aqui com uma pequena fã que o ameaça muito compenetrada com um revólver, naturalmente de brinquedo...



Ann Sheridan que está atualmente no México descansando de uma carreira artística das mais movimentadas, brinca, feliz, com um dos dezesseis cães de sua coleção, levada aliás cuidadosamente para a nova residência da "estrêla". E, ainda falam da vida de cachorro...

Donald O'Connor vem de se divorciar da espôsa Gwen, deixando com ela a filhinha do casal e levando para seu novo lar um cão de estimação. Gwen está saindo muito em companhia de Dan Daley, e Donald, por enquanto, não foi visto com ninguém...

★

Mona Freeman será mesmo a senhora Bing Crosby tão logo se divorcie do marido. Os filhos de Bing concordaram com o casamento e o cantor, que estava interassadíssimo em fazê-lo, adiantou logo os preparativos. Será outra cerimônia de gala em Hollywood...

★



Ann Blyth, que se casou recentemente, está filmando nos estúdios da Metro e aparecerá no Tecnicolor "Todos os Irmãos Eram Valentes", com Robert Taylor. Os dois estão aqui conversando durante um intervalo nos trabalhos da citada película.

Fala-se que Barbara Stanwyck e Jean Pierre Aumont saem muito juntos ùltimamente, deduzindo-se disso que não demorará que os dois procurem tornar a união mais íntima e duradoura. Barbara teve um fracasso sentimental com Bob Taylor, enquanto Jean não pode esquecer a sua Maria Montez que morreu tràgicamente!

★

Jane Powell não compareceu ao enlace de Ann Blyth e o fato foi comentadíssimo porque ali estava o seu espôso, não dando mostras de estar abatido com as constantes rusgas do casal, provocadas pelo desinterêsse de Jane nas coisas do lar, preferindo a companhia de Gene Nelson...



Nos estúdios da Warner, em Burbank, Kathryn Grayson, bem diferente, re cebe a visita de Zsa Zsa Gabor, a temperamental «estrêla» de Hollywood.

KATHRYN GRAYSON RENOVA SUA VIDA DE ARTISTA

ALGUNS TRECHOS DE SUA VIDA FABULOSA — ELA COMEÇOU A CANTAR AINDA NO BERÇO... — TINHA UM GRANDE FÃ DE SUA VOZ QUE ERA SURDO! — UM SONHO QUE REALIZA NOS ESTÚDIOS DE BURBANK, PERSONIFICANDO GRACE MOORE, NO FILME "GLORIOSA CONSAGRAÇÃO" — A MANIA DE ANTIGUIDADES E OS PASSATEMPOS DA QUERIDA "ESTRÊLA" QUE JÁ ESTÉVE NO RIO E VOLTOU ENAMORADA DO BRASIL — UMA CARREIRA QUE RESSURGE PARA NOVAS GLÓRIAS!

Texto de **ROBERT DOLAN** — Fotos **WARNER BROS.**

A notável carreira de Kathryn Grayson como atriz e cantora chegou ao auge quando ela foi para a Warner Bros., co-estrelar com Gordon MacRae "Canção do Sheik".

A nova versão em Tcnicolor da famosa opereta de Romberg proporciona uma brilhante chance aos talentos vocais de Miss Grayson, e, ao mesmo tempo, uma representação original no papel de Margot, a tempestuosa francesinha...

A sua musicalidade recebeu imediatas aclamações do Departamento musical da Warner Bros., que seriam repetidas meses mais tarde quando ela iniciou as filmagens de seu segundo filme em Burbank, "Gloriosa Consagração", a vida de Grace Moore.

Êsse sim, é um filme importante na fabulosa carreira de Miss Grayson, iniciada nos estúdios da Metro.

Seu nome verdadeiro é Zelma Hedrick, sendo filha de Charles e Lillian Hedrick. Nasceu em Winston-Salem, a nove de fevereiro. Pode-se dizer que Kathryn iniciou sua carreira como cantora pouco depois de ter vindo ao mundo. Seus pais dizem que ela pràticamente já cantava no berço, o mesmo acontecendo com os seus irmãos mais velhos, Buddy e Hall, e a irmã mais nova, Miller. A família inteira é musical e todos possuem vozes bonitas.

Quando Kathryn tinha três anos sua família mudou-se para St. Louis, onde ela freqüentou escolas públicas e particulares. Daí resultou seu encontro com Frances



Seu sonho era viver na tela a figura de Grace Moore, a cantora inesquecível e assim o faz no filme da Warner, «Gloriosa Consagração».

Marshall, da Companhia Lírica da Ópera de Chicago. Miss Marshall interessou-se pela jovem e insistiu para que ela estudasse canto, prevendo que sua voz seria famosa em pouco tempo. Depois de alguns anos em St. Louis, a família tornou a mudar-se para outro ponto do país, o Texas, e daí rumou para a Califórnia e Hollywood.

Kathryn continuou estudando canto na "Manual Arts High School". Um dos Diretores da Metro ouviu-a cantar e o resultado foi um contrato, sem mesmo exigir um teste cinematográfico.

Seu nome profissional foi tirado de um de seus nomes e daquele que sua mãe usava quando solteira, Gray. Durante um ano ela se dedicou a um programa intensivo de estudo de música, arte dramática, dicção, dança e técnica, preparando-se para a sua estréia no cinema. Em julho de 1940 ela iniciou seu primeiro papel na tela, o de secretária-cantora no filme "Andy Hardy e a Secretária". Depois representou a romântica protagonista em "Um Cavalheiro do Sul", seguindo-se "Rio Rita", "Sete Noivas", "A Filha do Comandante" e "Marujos do Amor", filme que projetou-a definitivamente no estrelato.

Em 1947, Miss Grayson casou-se com o cantor Johnnie Johnston de quem teve uma filha, Patricia Kathryn, que nasceu a 7 de outubro de 1948. Em 1950, por imcompatibilidade de gênios, divorciou-se de Johnnie, confessando o seu fracasso sentimental e enfrentando-o como uma criatura prática.

Miss Grayson mora em Brentwood, numa casa mobiliada com suas antiquidades favoritas. Há no "hall" de entrada um órgão de um século, e um relógio "cuco" feito à mão, também antiquíssimo. Essas peças fazem parte de uma coleção muito preciosa que ocupa todo o tempo da "estrêla", quando fora dos estúdios. Não raro ela está recebendo ofertas de antiquidades por parte de seus fãs, sempre pensando em agradá-la.

As visitas e os hóspedes mais assíduos da cantora são seus sobrinhos e sobrinhas menores, dos quais ela é "mãe", além de ser da própria filha, durante dois meses em cada verão.

Entre os seus passatempos destacam-se o desenho e a pintura. Ela adora passeios no campo, "pic-nics" ficar na cozinha inventando novas receitas de pratos complicados, jogar golfe e cortar a grama do jardim, mas não tem muito tempo para fazer êsse trabalho que considera uma agradável distração. Quase sempre está promovendo festas em sua casa, mas não para gente grande, e sim para as crianças. Gosta de consertar roupas velhas, tendo verdadeira mania de reformar trajes usados que acaba distribuindo entre os criados.


Miss Grayson recebe os últimos retoques antes de entrar em cena nos estúdios da Warner, onde começa uma fase importante de sua fabulosa carreira!



Kathryn Grayson usa trajes elegantíssimos no seu papel de Grace Moore, revivendo uma época imorredoura para os fãs da velha guarda...


No Departamento de Maquilagem, Miss Grayson submete-se a preparativos para o seu papel em «Gloriosa Consagração», a sua consagração no cinema!

Seu grande ideal na vida não é ficar no cinema e ser ainda mais famosa e bafejada pela fortuna, como já é, mas ser cantora de ópera. Preparando-se para o dia em que espera cantar no Metropolitan, Miss Grayson deu seu primeiro concêrto clássico em 1946, com a Orquestra Filarmônica de Sacramento.

Há uns dois anos ela teve um compromisso de duas semanas com o "Palladium", de Londres, e deu três concertos em Honolulu. Recentemente fêz uma "tournêe" de boa vizinhança pela América do Sul, visitando na ocasião o Brasil, permanecendo no Rio de Janeiro, em São Paulo, percorrendo lugares pitorescos em companhia de Howard Keel, de quem chegaram a dizer que estava apaixonada. Parece que foi apenas truque de publicidade, já que êles haviam feito, juntos, vários filmes na Metro...

Sempre estudando canto, a "estrêla" aguarda uma oportunidade para visitar a Itália e o famoso teatro Scalla de Milão. Ela dedica seis semanas de cada ano à sua carreira clássica musical.

(Cont. na pág. 34)



A sua maneira afável e acolhedora tornaram-na desde logo benvinda aos enormes estúdios da Warner Bros., onde é uma das «estrêlas» verdadeiramente famosas!



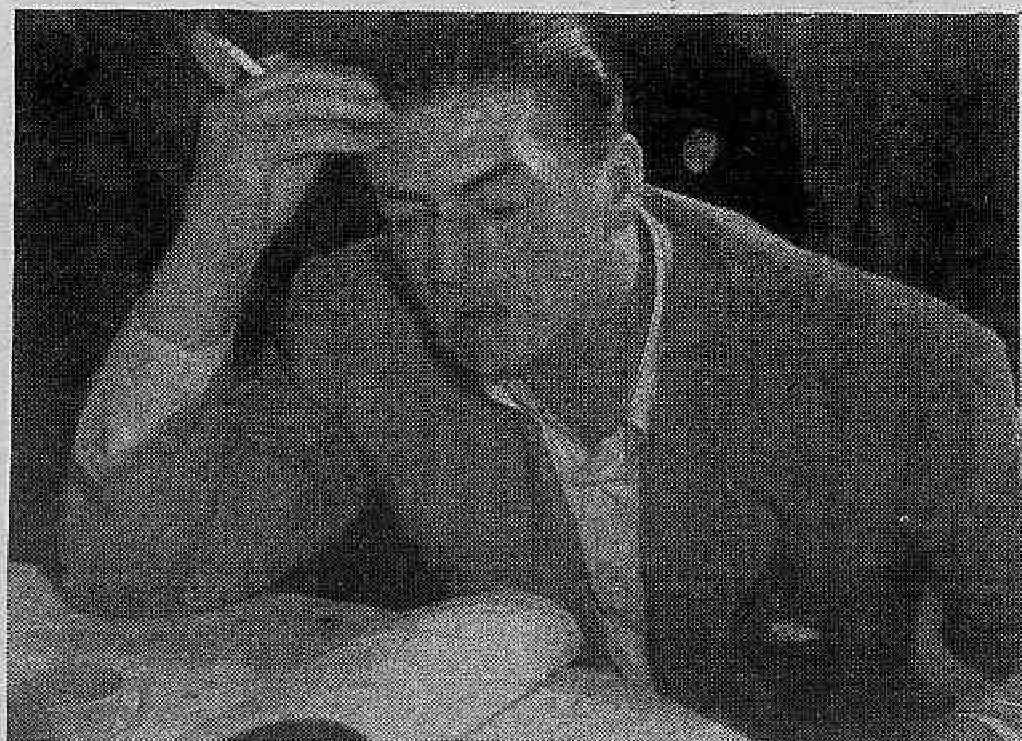
Rapaz saudável, Victor Mature adora a vida ao ar livre, preferindo a praia sempre que os filmes permitem...

Meu pequeno carro amarelo cortava a estrada que atravessa o coração de Beverly Hills, rumo à residência de Victor Mature. Há meses que encontrando-o nos estúdios da RKO filmando «Androcles e o Leão», solicitara uma entrevista. Foi no dia em que Stewart Granger conseguira uma folga em seu trabalho nos estúdios da Metro para visitar a espôsa, Jean Simmons, companheira de Mature na mesma película. Ficamos os quatro conversando sôbre assuntos diversos, em particular sôbre «Salomé», que Granger filmava e do qual dizia maravilhas. Eu mesma ficara impressionada com a sinceridade do espôso de Jean falando de seu trabalho. Pisquei um ôlho para a jovenzinha inglêsa como «quê» dizendo que compreendia Granger tão bem quanto ela, isso porque o astro da Metro tivera pouco escrúpulo em interromper uma fala comprida de Mature, para meter o assunto de «Salomé» e depois não parar mais. Como jornalista a oportunidade me pareceu excelente para uma «enquete» e tratei de fazê-la enquanto havia tempo, porque já o relógio ameaçava chegar ao ponto em que o sinal de nova filmagem soaria no estúdio e qualquer palestra deveria ser encerrada, mesmo que fôsse importante para alguém, como seria para mim que não ando nessas visitas, como Granger, para passar tempo... Faz parte do meu trabalho, embora eu goste muito mais de vê-los em casa, na intimidade, mordendo os biscoitos do chá, inteiramente à vontade, falando pelos cotovelos como Clifton Webb, ou reservados como Monty Clift, de quem até hoje consegui arrancar apenas doze palavras. E sabem quais foram? Exatamente estas:

— Sim... Gosto de trabalhar com Hitchcock... Não sei... E'... Vou pensar... Obrigado....

Grande entrevista! Deixei o estúdio com uma raiva medonha e quase fiz meu pequeno carro amarelo beijar um poste no caminho para a saída. Afinal o Monty fôra sucinto demais para responder às minhas perguntas e estragara minha tarde e todo o meu trabalho de um dia. Sentei na máquina e comecei a matutar o que iria dizer aos meus leitores a respeito do astro de «A Tortura do Silêncio», e divaguei bastante para poder encaixar aquelas doze palavras, partindo-as e dando antes as perguntas que eram extensas, fiquem sabendo! Mas, eu dizia que gostava de ver os artistas na intimidade, embora estivesse como estou, mais do que acostumada a ouvi-los nos estúdios, entre uma filmagem e outra, nos «parties», apesar da barulheira dos convidados e o som estridente da orquestra (vocês já repararam que falta de gôsto e de senso prático é se agüentar uma orquestra puramente de metais durante um coquetel? Reparem e depois digam se tenho ou não razão...), pois meus ouvidos estão acostumados. Enquanto êles respondem ao colega que passa e lança uma indagação, preparo a minha indagação seguinte, anotando mentalmente o que respondem, embora tenha o cuidado de podar os excessos, dando o desconto de que o uísque pode provocar no subconsciente até mesmo de um artista por mais experiente que seja em entrevistas...

O BONITÃO VICTOR MATURE



Estudioso, fica horas lendo e relendo seus papéis, procurando no «script» a melhor maneira de se comportar em cena.



Com o diretor R. Stevenson, Mature discute uma cena que lhe pareceu a mais importante na seqüência a ser filmada.



Raramente Victor é visto nos «parties» de Hollywood, mas nunca o faz sòzinho, e sim em companhia da espôsa, com quem vive feliz.

ENCONTRO COM O ARTISTA QUE ADMIRA BERNARD SHAW E ACREDITA NA TERCEIRA DIMENSÃO — BONITÃO SÒMENTE PARA O PÚBLICO... O MATURE DE CASA E' BEM DIFERENTE... — SIMPLES, HONESTO CONSIGO MESMO E DESTITUÍDO DE VAIDADES, EMBORA ASSIM NÃO O IMAGINEM SUAS MILHARES DE ADMIRADORAS... — GOSTARIA MUITO DE VISITAR O RIO DE JANEIRO E OLHAR A NOSSA BAÍA DE GUANABARA.

Texto de MONICA LEIGH — Copyright «Press-Cinema» — Especial para «A CENA MUDA»

Pois bem, aproveitei a presença dos três astros e cuidei de uma «enquete» rápida. Queria saber o que êles pensavam sôbre a tão falada Terceira Dimensão.

Veio a opinião clara e precisa de Victor Mature:

— Eu aceito a Terceira Dimensão com todos os defeitos iniciais. Creio na sua vitória, que será uma vitória do próprio cinema.

Stewart Granger comprometido talvez com a espôsa que fizera um contrato para filmar na Fox o «Cinemascope» «The Robe» (O Manto Sagrado), foi menos entusiasmado:

— Estou esperando para ver... Prefiro não arriscar qualquer prognóstico...

Jean Simmons sorriu e respondeu olhando fixamente para o espôso que por sua vez procurava dissimular a satisfação de haver fugido hàbilmente à minha pergunta inesperada:

— Sempre concordo com Stewart... E' o que posso dizer...

Não foi das melhores a minha impressão das três respostas, mas afinal surgira a idéia da «enquete» e com a presença de Mature, Jean e Granger, pensei em realizá-la, porque no final das contas seria uma atração para a minha correspondência semanal. Qual o fã que não gosta de saber o que pensa seu «astro» favorito sôbre determinado assunto em que êle próprio está por demais interessado? Todos, acredito. Assim, vocês já ficam sabendo a opinião dêsses três...

Meu carro encostou junto ao jardim da magnífica residência dos Mature, e poucos minutos depois eu estava em companhia do «astro» em sua bem cuidada biblioteca. Mature escrevia qualquer coisa em sua máquina portátil. Senti interrompê-lo, mas o artista fêz questão de me pôr a vontade. Mature é a simpatio personificada, e o seu amplo sorriso deixa qualquer um com vontade de confessar que é seu amigo sincero, porque tôda a sua preocupação é demonstrar o mesmo. Nada tem de retraído o querido artista que tantos corações femininos domina por êsse mundo afora. Falei do Brasil e Mature mostrou-me um cartão convidando-o a participar do Festival de Cinema, em São Paulo, no ano próximo, garantindo-me que irá se fôr possível, se não estiver filmando. Êle tem ouvido falar muito do Rio de Janeiro através da impressão maravilhada de outros colegas. Conhece Carmen Miranda e ela faz intensa propaganda do Brasil com os seus trajes, a sua maneira de ser, o seu encanto pessoal. Mature me disse:

(Cont. na pág. 34)



Apesar da fama de «bonitão», e conseqüentemente julgado um inconseqüente como afinal são na maioria os «bonitões», Victor Mature é ajuízado e espera subir ainda mais como artista de cinema!



Léon Chevrier, correspondente de "A CENA MUDA" em Paris, desenvolve um ensaio sôbre o filme de Jean Paul Sartre, o Papa do existencialismo, analisando a reação norte-americana diante da película que Veneza aplaudiu com entusiasmo! — A concepção francesa da moral e atitude dos americanos — Barbara Laage, a Marlene Dietrich, em edição de existencialista...

Uma das cenas mais fortes do filme baseado na obra de Sartre, com Barbara Laage, na meretriz, Ivan Desny, como o filho do senador e Walter Bryan, no difícil papel do negro perseguido. «A... respeitosa» causou barulho no Festival de Veneza, em 1952.

Falando sôbre "A... RESPEITOSA"

Quando «A... Respeitosa» foi apresentada ao público parisiense e ao povo francês em geral, o filme vinha envoito nesse halo convidadito de prestígio, de quando uma obra é criada pelo escândalo que aguça a curiosidade maliciosa e suscita acaloradas discussões.

Com efeito «A... Respeitosa», é o filme que produziu a mais justa expectativa e maior barulho, depois de sua apresentação no Certame Bienal de Veneza de 1952, por causa do contraste violento de opiniões que suscitou, sob o duplo ângulo da moral convencional e o da suspeita política

O filme de Marcelo Fagliero chegou à tela no momento mesmo em que a opinião mundial seguia a luta pela presidência dos Estados Unidos, com a mesma violenta emoção com que os espectadores de um Derby seguem a carreira de seus puro-sangue favoritos e, por esta razão, inclusive os mais ecléticos cidadãos norte-americanos que assistiam à «Mostra» da Bienal de Veneza, pediam veementemente a aplicação da cláusula do Festival, prevista para o caso de injúria a país amigo.

Sem embargo, nem Veneza nem Paris, haviam sido os primeiros contatos da «A... Respeitosa» com o público. A obra foi representada em tôdas as partes do mundo, inclusive em New York, onde se mantém em cartaz há mais de dois anos, se bem que é verdade que o tema da obra de Sartre representada pelos Norte-americanos, nos Estados Unidos, foi levada à cena à maneira norte americana.

A grande obra de J. P. Sartre, foi concebida em seu primeiro momento como guião cinematográfico, porém vencendo no autor sua inclinação pelo teatro, se decidiu a transformá-la em uma obra teatral, que desde o primeiro dia obteve um êxito decisivo, sem que o autor buscasse como apoio o relêvo.

Por que razão pôde então dar-se o caso que os mesmos ianques que aplaudiram a obra de Sartre em New York e na Califórnia, tenham se escandalizado, feridos em seu sentimento nacional, ao vê-la transplantada por Pagliero à tela, no «Palazzo» de Veneza.

Ao nosso ver existem razões fundamentais: [illegible] o estilo é a [illegible] conseqüência da psicologia das massas. Elas são no tema, como na lente, o objetivo visado.

Se a palavra é a roupagem da idéia para chegar ao espírito de um certo setor da opinião, a imagem é o meio imprescindível e poderoso para alcançar o mais amplo plano da concepção das massas, e que encontrou no mágico poder do cinema, o meio de tocar opiniões que em épocas recentíssimas não houvessem sido susceptíveis de interessar-se por determinados problemas morais, sociais ou de qualquer outra ordem mais ou menos áridos.

E' dizer que o público de teatro, composto em sua grande maioria dos «habitués» de um determinado estilo, vai assisti-lo para ver o que quer ver e analisá-lo com um espírito crítico que não podemos encontrar em um cinema, onde o espectador, mais incômodamente instalado, freqüentemente influenciado na sua escolha do filme, por fatôres externos, entre os quais se conta como decisivo e fundamental na sétima Arte: o plásttico.

E se Marcelo Pagliero, um dos pioneiros do neo-realismo cinematográfico transporta para o celulóide uma das obras que nos mostram o pensamento do Papa do Existencialismo, como poderíamos extranhar de que seu filme seja como é: realista, cusado e provocante?

Porém, quando essas qualidades impostas por um temperamento personalíssimo estão envôltas em uma arte segura e sóbria, êsse verismo está isento de tôda vulgaridade e a estética da imagem termina por vencer sôbre o espírito preventivo da concepção moral do espectador. Êste termina por compreender que não se trata de colocá-lo à frente de um tema que fere, senão de apresentar-lhe uma das múltiplas facêtas dos problemas humanos que a vida nos delineia a despeito, como o é a dos negros americanos.

A segunda das razões a que aludimos anteriormente, é o estilo. Tampouco nesse aspecto pode-se negar ao filme «A... Respeitosa», um espírito de sistemática e áspera crítica norte-americana, pois tem que se levar em conta que como a ação se passou nos Estados Unidos e a sua interpretação se realizou na França, para o público francês, e à maneira européia, é uma concepção francesa dos ianques, porém essa concepção não pode deixar de ter presente, que foi forjada através dos filmes hollywoodenses, que por sua vez, êles mesmos são uma deformação da realidade ianque.

Ninguém ousaria criticar «Sinfonia de Paris» porque representa a França através do convencionalismo norte-americano.

Depois das análises dêsses fatôres, que contribuíram para o enorme êxito (e escândalo) de «A... Respeitosa», falando puramente de cinema, o filme de Pagliero prende a atenção do público desde o princípio até ao fim. Barbara Laage, que conhece muito bem o caráter norte-americano, sôbre cujas cenas representou com grande êxito durante sua carreira artística, tão brilhante quanto ligeira, é um puro produto de Saint Germain des Prés, que realça com o seu forte caráter interpretativo o papel de Lizzie, o qual apesar de seu baixo meio deixa entrever um fundo elevado e limpo, inclusive superior mesmo às personalidades que a moral convencional tem como retas, como se nos apresenta hàbilmente, na cena admirável de Lizzie e o Senador.

Trata-se, enfim, de um filme que a ninguém pode deixar indiferente; que fêz trepidar o «Palazzo» de Veneza, e que nos fêz descobrir uma nova Marlene Dietrich (versão Saint-Germain des Prés); Barbara Laage ! (Foto França Filmes).



CINE-ROMANCE

O grito de SANGUE

No verão de 1940, nos campos que circundam a cidade de Greed Hill, Oklahoma, nos Estados Unidos, ressoam os ruídos da guerra. Soldados da Guardá Nacional, que se estão preparando para a luta, envergando uniformes do Exército dos Estados Unidos, andam em zigue-zague através dos campos cheios de capim, com os seus fuzis prontos para fazer fogo, e as baionetas caladas. Metralhadoras nas cristas das montanhas fazem-se ouvir também, e explodem morteiros de trincheira. Depois, o general comandante da Divisão Thunderbird passa revista às tropas e faz entrega de medalhas de mérito. Há um pormenor muito colorido quando o chefe White Deer, que governa a nação Osage, recebe um troféu para ser entregue a um jovem membro da sua tribo, cabo Ralph Mogay (Armando Silvestre), da Guarda Nacional, por haver saído vencedor no campeonato nacional de tiro ao alvo, estabelecendo um novo recorde.

Green Hill orgulha-se muito da Guarda

O GRITO de SANGUE



Ao partir para o «front», Gil despediu-se da jovem que amava com paixão: a doce e meiga Mary Caldwell



Nos campos de batalha êle encontrou, porém, um outro coração compreensivo que pertencia à enfermeira Ellen...

Nacional ali estacionada, que todos os anos leva a efeito aquelas manobras, mas a segunda Guerra Mundial ainda parece muito distante. Isso tudo é alterado, porém, quando uma lei do Congresso, em setembro de 1940, convoca tôdas as unidades da Guarda Nacional dos Estados Unidos. Assim, a companhia de soldados que estava treinando em Green Hill passa a constituir uma fôrça do exército regular.

Mais de uma centena de homens e rapazes de Green Hill abandonam seus lares, indo fazer um estágio de treinamento em Forts Sill. O jovem estudante de direito Gil Hackett, e o advogado Tom McCreery despedem-se da mesma jovem que tem o rosto meigo e se chama Mary Caldwell. Mike Braggart, o sargento da unidade, dá as instruções de última hora a sua espôsa, Lou, uma loura corpulenta, acêrca de seu negócio de caminhões. O empregado Ray Hanford procura convencer a sua jovem espôsa, Marjie, que está grávida e é muito nervosa, de que figurar no exército regular não será muito diferente daqueles veraneios anuais nos acampamentos da Guarda Nacional. Estará de volta a tempo de jogar bola com seu filhinho, que até lá deverá ter nascido. O jovem Sam Jacobs, proprietário do mercado, descendente dos antigos judeus colonizadores, parte com a bênção de sua mãe, tal seguiu seu pai, anos antes, para a primeira Guerra Mundial. Os Osages, Ralph Mogay e seus jovens primos J m e Joe Lastchance, despedem-se com sua habitual dignidade e calma. Keith Watson, o filho mimado e extravagante do banqueiro da cidade, que se considera superior aos recrutas da Guerra Nacional, desdenha os heróis da cidade, que estão partindo, enquanto o jovem Calvin Jones, cuja mãe não queria deixá-lo ir à guerra, quase chora por ficar atrás.



Keith Watson era um menino mimado que não passava um dia sem criar confusões. Gil quis dar uma lição no atrevido...

No trem militar que conduz os moços para Fort Sill, o jovem Tom McCreery fica impressionado com o aspecto inteligente do sargento Logan. Homem delgado e bem disciplinado, que já recebera alguma instrução em West Point. Tom procura fazer amizade com Logan, mais por vaidade do que outra coisa, pois seu pai cursara a Academia de West Point e perdera a vida em St. Mihiel, ao terminar a primeira Guerra Mundial; mas Logan conserva-se frio e impassível.

No acampamento, em Fort Sill, Mike Baggart, que tem um pescoço de touro, luta com o veterano do exército regular, sargento Durkee. Mike conquista o segundo lugar, nesses encontros, mas os rapazes de Green Hill que êle exercitou, o aplaudem como se êle fôsse o campeão. Calvin Jones e Keith Watson vão ao acampamento juntar-se com os demais, e ao tempo em que os japonêses atacam Pearl Harbor e a unidade segue embarcada para ultramar, êles já começaram a tornar-se bons soldados.



Membros da Guarda Nacional, Gil e Tom, iam partir para Fort Sill, onde ingressariam no exército americano!

Durante as fases da guerra, na Itália, acontecem coisas entre os Tunderbird de Green Hill. Ray Hanford morre em combate e nunca chegará a ver seu filhinho. O jovem Calvin Jones morre, vitimado pela sua vaidade de rapaz, que o levara a deixar crescer suíças nos últimos tempos. Quando se barbeava à luz de um "jeep", certa noite, na Praça St. Tropez, porque Marie Etienne, uma linda jovem de café-concêrto, lhe dissera que as suas suíças lhe arranhavam o rosto quando a beijava, Calvin é mortalmente ferido por uma bala.

Tom McCreery recebe ferimentos em Cassino. Gil odeia o sargento Logan porque êste se recusa friamente a deixá-lo voltar, indo atrás de Tom, porém mais tarde, depois que Logan faleceu e Gil fica sabendo que Tom sobreviveu, a verdade acêrca de Logan vem à baila. Êle é o pai de Tom, condenado pela côrte marcial ao terminar a primeira Guerra Mundial, por haver pôsto em perigo tôda a sua companhia, voltando para ir acudir um camarada que caíra. Mudou de nome, entrou para a Guarda Nacional e redimiu-se aos olhos da população da sua Green Hill e de seu filho, Tom.

Quando chega o dia V, na Alemanha, os sobreviventes da unidade Thunderbird de Green Hill já são todos guerreiros experimentados. Ao regressarem à sua cidade, tôda ela celebra o acontecimento. Lou Braggart está carpindo a morte de seu espôso, o corpulento Mike, mas fica muito orgulhosa com a medalha póstuma que lhe é entregue por haver o mesmo dado a sua vida em defesa de um grande número de mulheres e crianças alemãs, quando explodiu uma granada. Tom McCreery foi escolhido por Mary Caldwell como sendo o homem com quem deseja casar-se. Gill achou uma noiva, a bonita enfermeira do exército, Ellen Henderson. Keith Watson, que era outrora o rapaz rico da cidade, é agora bom soldado e oficial. Enquanto os demais dançam, Keith trabalha na qualidade de oficial de recrutamento e inicia a organização de uma nova Guarda Nacional que representará Green Hill no futuro. (Fotos Republic).

O GRITO DE SANGUE

Um filme REPUBLIC PICTURES

ELENCO

Gil Hackett	JOHN DEREK
Tom McCreery	JOHN BARRYMORE, Jr.
Ellen Henderson	MONA FREEMAN
Mike Braggart	Gene Evans
Mary Caldwell	Eileen Christy
Sargento Logan	Ward Bond
Sargento Durkee	Barton MacLane
Sam Jacobs	Wally Cassell
Calvin Jones	Ben Cooper
Keith Watson	Robert Neil



Esta moreninha muito simpática é cantora e candidata a um lugar no cinema brasileiro, inscrita que está em um concurso que visa revelar novas «estrêlas». Chama-se Cleide Mesquita; talento não lhe falta para alcançar todos os seus ideais que no momento se resumem em um microfone para cantar e uma tela prateada para sorrir aos fãs dos filmes nacionais. Para quem começa já é muita coisa, não acham? Felicidades, Cleide!

Gente de RÁDIO



O dono de um sorriso tão expressivo é da família dos Faissal, o mais novo dêles e também aquêle que maior futuro possui no rádio. Na Nacional, onde se encontra há bastante tempo, é galã das principais novelas, e queridíssimo das ouvintes que não se cansam de lhe escrever pedindo fotos autografadas. Sim, é êle mesmo, Roberto Faissal, solteiro, apreciador de bons livros, compositor inspirado e admirador do belo sexo! Dizem que tem um bom gôsto apuradíssimo!

Rádio

A PEQUENA REPORTAGEM

O ANIVERSÁRIO DA RÁDIO NACIONAL

Texto de JIM LOPES



Muita coisa se pode alegar em desfavor da Nacional, mas será sempre muito pouco para empanar o brilho de suas realizações e a sua própria realidade. Ainda há alguns meses, um deputado levantou a sua voz na Câmara para lamentar que o Patrimônio da União representado pelas Emprêsas Incorporadas ao mesmo, e entre elas a Nacional, estava sèriamente ameaçado. Uma simples vistoria em seus alicerces faria estremecer o menos entendido em economia, aconselhando um imediato exame das condições futuras. A Nacional foi então, através de uma campanha pelos jornais, vítima de tôda a sorte de inverdades, que afirmavam, (com as côres mais ou menos róseas de uma verdade arranjada à última hora), ser uma estação altamente deficitária, e que além do mais, longe do objetivo para o qual fôra criada, concorria com as co-irmãs, entravando-lhes a existência com a sua potência e o seu irretorquível argumento do «broadcasting» quase perfeito, porque no nosso entender, nada pode ser perfeito neste mundo, pois ser perfeito, por si só, constituiria uma imperfeição, pois levaria um círculo vicioso...

Apesar de tudo que se disse então a respeito da Rádio Nacional, ela continua enviando aos ouvintes brasileiros, o maior número de programas realmente bem montados e de todos os gêneros para todos os gostos. Querer negar que é a Nacional a emissora-padrão do Brasil, é o mesmo que tentar tapar o sol com a peneira, para usar aqui uma expressão popularíssima.

Tem a Nacional produzido muito em favor de nosso rádio, e suas contribuições são valiosas. Foi a pioneira do rádio-teatro que tantos artistas de valor tem revelado e tantas verbas de publicidade conseguiu atrair para manutenção de tantas emissoras. A transmissão de suas novelas se fazem atualmente com uma quase perfeição, servindo como padrão para as demais estações que desejam inveredar pelo rendoso setor do rádio-teatro em capítulos.

Acusa-se a Nacional de padronizar salários altos e obrigar dêsse modo a que as outras emissoras paguem salários iguais ou melhores para a conquista dos bons elementos. Trata-se de uma inverdade. Acusa-se a Nacional de fazer um rádio que não condiz com a sua posição de emissora oficial. Outra inverdade. Quando Tude de Souza dirigia a Rádio Ministério da Educação, era fato que a PRA-2, outra estação oficial, possuía boa audiência em todo o Brasil. Saiu Tude e a PRA-2 caiu pela inconseqüência de seus novos dirigentes e, no entanto, está fazendo o rádio que se desejaria a Nacional fizesse, mesmo que com isso perdesse a sua audiência, que é a maior no território brasileiro. Estaria cumprindo a sua finalidade? Valeria a pena gastar as verbas conquistadas com a potência de sua programação? Claro que não! A Nacional tem feito muita propaganda do govêrno de maneira mais prática, com os seus programas. Algumas falhas êles apresentam. O «Balança», por exemplo, deveria ter menos sal nas piadas. E' coisa que o tempo deverá corrigir.

Quando completa a Nacional mais um aniversário é justo o registro que se alongou pela situação atual da emissora tão acusada, de maneira tão mentirosa. Cabe aqui, também, o aplauso a Vitor Costa, de quem a Nacional tem recebido todo o carinho e desvelo de uma boa administração.

Parabéns à Nacional e a Vitor Costa é o que consignamos nesta pequena reportagem.

ONDA VAI... ONDA VEM...

Jatobá no rádio-teatro da Mayrink, como galã de novelas mostra-se um páreo duro para os veteranos no assunto. Celso Guimarães, Paulo Gracindo e Paulo Pôrto já perceberam a história e estão assustados. Sabem por quê? Jatobá tem uma simpatia muito grande e as ouvintes começaram a escrever cartas pedindo fotos e reclamando que êle apareça em outros seriados da A-9...

★

A secção não é sôbre televisão, mas não custa nada lançar uma onda do vídeo aqui nesta coluna. Dizem que o pessoal da televisão ganha altos salários porém não vê a côr do dinheiro no fim do mês... E a coisa não tem jeito de melhorar...

★

Garotinhos e garotinhas continuam gritando ao microfone, aos domingos, na Mayrink e na Tamoio.

Os «papás» Silveira Lima e José Leonardo não se cançam de ouvi-los interpretando melodias ou dizendo versos. Êles não têm estômago, mas os ouvintes ainda não perderam os seus. Por que obrigá-los a tamanho sacrifício? É maldade grossa. Afinal, êsses moços deviam compreender que os papais verdadeiros de seus «astros» e «estrêlas», ficam mesmo é no auditório...

★

Braga Filho, o conhecido cronista das madrugadas, também foi na onda da A-3, e agora na Justiça do Trabalho reclama vencimentos atrasados. Enquanto isso o sr. Marques Rabelo passeia satisfeito pela cidade maravilhosa, de braço dado com uma beldade do rádio teatro. A vida está prá êle...

Ronda

A PRN-9, Emissora do Departamento Federal de Segurança Pública, transmite aos sábados o «Teatro Sentimental», que obedece à direção de Otton Corrêa, com «scripts» de Graciete Sant'Ana, também rádio atriz da mesma estação. Horário: 21 horas.

★

Às quintas-feiras, às 23,30, a Guanabara oferece aos seus ouvintes o «Teatro Policial», escrito e dirigido por Berliet Júnior.

★

A A.B.R. fêz realizar a 21 dêste mês a sua festa da cumieira do Hospital do Radialista, com a realização de um churrasco.

★

Edgard G. Alves, um dos bons produtores da Mayrink Veiga, escreve, e aquela emissora transmite, «Cidade dos meus encantos», com músicas, comicidade e fatos pitorescos da sebastianópolis.

★

Marlene e Luís Delfino participarão de uma temporada no Rival. A conhecida cantora é dirigida por outro elemento do rádio, Mário Brasini. Marlene, apesar de sua atividade no teatro, não deixará o microfone, atuando semanalmente no Programa Manuel Barcelos, às quintas-feiras.

★

Dilu Melo e Ademilde Fonseca foram convidadas para tomar parte na festa de inauguração da Rádio Ribamar, a nova emissora do Maranhão.

★

Elizete Cardoso, que é agora «estrêla» de «shows» em nossas «boites», pensa dedicar-se ao teatro de revistas. Continuará, no entanto, fazendo suas gravações.

★

Américo Vilhena é um dos poucos elementos que ainda não foram visados pela atual administração da Rádio Jornal do Brasil, que dizem estar dando muito prejuízo. Teófilo de Vasconcelos ainda não saiu, mas não demora, se a situação perdurar. Névio Macedo é outro descontente.

★

Ricardo Galeno escreve para a Mayrink, às quintas-feiras, às 21,30, o programa «E' esta a música?», com a orquestra de Peruzzi e os comediantes da A-9.

★

Vanja Orico deve ser contratada por uma emissora carioca, possivelmente a Nacional. A «estrêla» de «O Cangaceiro» teria um programa todo seu. Patrocinador não lhe falta...

★

Estão muito adiantadas as obras dos novos estúdios de rádio e TV, da Roquete Pinto.

★

Encontra-se de férias na Nacional, o cantor Rui Rey. Não se sabe se o conhecido intérprete de melodias mexicanas irá excursionar, mas é possível que sim.

★

Wahyta Brasil, que é realmente dinâmica, pretende criar um conjunto teatral e já convidou para o mesmo Tina Vita, Domício Costa, Lolita França e Mafra Filho, todos da Nacional. A companhia teria direção de Mário Brasini e daria espetáculos às segundas-feiras.

★

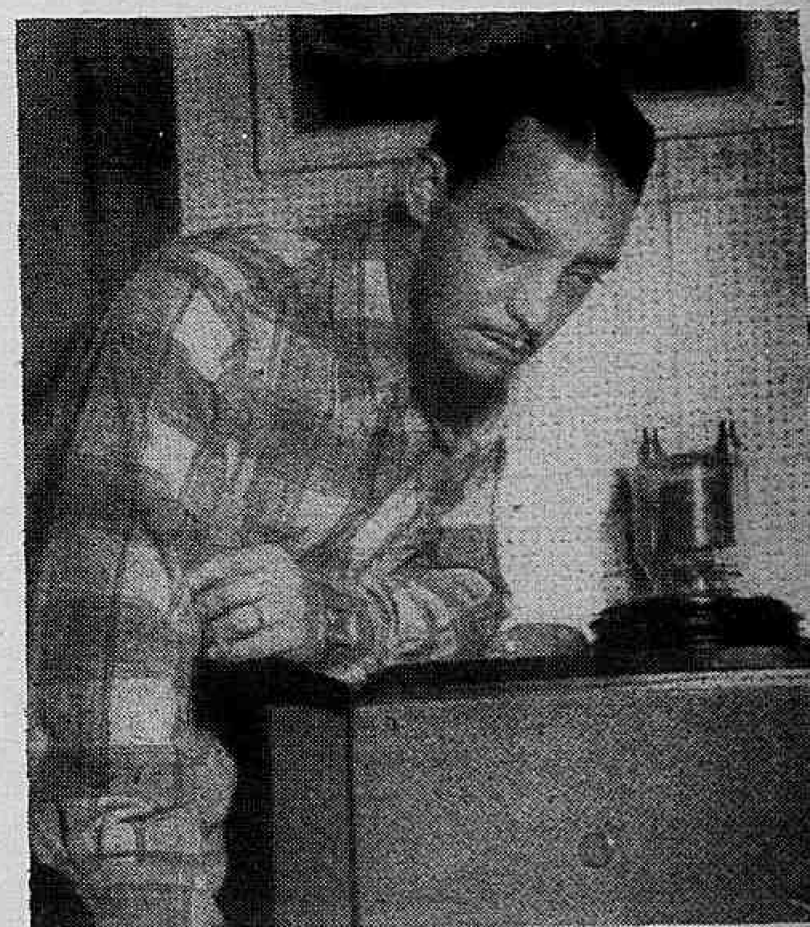
Ranchinho não se mostra abatido com o caso criado entre êle e a espôsa, que reclama alimentos para a filha do casal, que já não vive em comum. «Rancho» prometeu ganhar a questão em Juízo, e diz aos amigos que a razão está de seu lado... Sem comentários.

ROSÁRIA
VOLTA A CANTAR



Rosária, a mais moça e mais simpática integrante do antigo e hoje desfeito Trio Meirelles, volta a cantar para os brasileiros, mas dessa vez inteiramente só. Seu Recital de Melodias na A. B. I., na semana que passou, foi uma simples amostra do que pretende fazer a nova "estrêla" da canção, no rádio brasileiro. A volta de Rosária deve ser festejada como uma prova da simpatia portuguêsa, pelos nossos microfones.

ORLANDO
OUVE SUA VOZ



Nos estúdios da Musidisc, Neusa Ambrósio fêz estourar êste flash que nos mostra o Rei do Rádio ouvindo sua própria voz, após uma prova em disco acetato. E' uma foto curiosa para os fãs do cantor, que regressou triunfalmente aos microfones, para imperar em outro reinado de grandes atuações. Orlando provou, com muito esfôrço aliás, que não estava acabado para o rádio, e poderia muito bem conquistar um lugar de destaque entre os cantores da nova geração.



ELA...

A moça de franjinha é cantora da Nacional e tem muito cartaz. Chama-se Heleninha Costa e depois que casou ficou mais artista e com maior simpatia junto aos ouvintes. Vai gravar algumas «bombas» para o próximo carnaval, e enquanto isso não sucede, continua firme na Nacional, nos programas de auditório onde é invariàvelmente recebida por um dilúvio de palmas. Palmas bem merecidas!



ÊLE...

Muito antes do saudoso Francisco Alves deixar êste mundo, dizia aos amigos que João Dias, o rapaz da foto, seria um cartaz dos maiores no rádio brasileiro. Certa vez levaram João até a presença do Rei da Voz e quando o rapaz começou a cantar, mestre Chico fêz cara alegre e como o seu coração era generoso, prometeu ajudar o novo artista, que considerou desde logo seu herdeiro pela semelhança da voz. Hoje, João Dias cumpre um destino brilhante e é «astro» admirado no sem-fio nacional.



Um aspecto da cabine de projeção da Warner Bros. onde jornalistas brasileiros assistiram a «Museu de Cêra», em Terceira Dimensão, ficando vivamente impressionados!

Os jornalistas brasileiros assistem a "MUSEU DE CÊRA"

OS CRONISTAS CINEMATOGRÁFICOS DOS JORNAIS E REVISTAS DO BRASIL, APLAUDEM A TERCEIRA DIMENSÃO! — CAUSOU VIVA IMPRESSÃO O PRIMEIRO FILME DA WARNER BROS. EM 3-D. — OPINIÕES DIVERSAS, QUASE TÔDAS DE APLAUSO E ENTUSIASMO!

A organização brasileira da Warner Bros. reuniu em sua cabine de projeção as figuras mais representativas do jornalismo cinematográfico de nossa terra, para uma sessão especial de «Museu de Cêra» (House of Wax), seu primeiro filme realizado em Terceira Dimensão, pelo processo «Natural Vision», e o primeiro filme verdadeiramente em relêvo!

Antes da exibição, o sr. Ary Lima, diretor da Warner Bros para o Brasil e supervisor da mesma companhia para a América do Sul, fêz uma ligeira palestra sôbre a 3-D, particularmente sôbre os óculos «polaroid» que depois distribuiu entre os presentes. Terminada a necessária explicação do sr. Ary Lima e realizada a distribuição, entre os jornalistas, dos óculos de lentes polarizadas, foi iniciada a exibição de «Museu de Cêra» e suas primeiras partes de 5.000 pés.

Quado as luzes se acenderam no intervalo de 10 minutos para a mudança de partes, os jornalistas fizeram os mais entusiásticos comentários sôbre «Museu de Cêra» e a Terceira Dimensão. Muitos dêles haviam se sobressaltado quando uma cadeira foi atirada para a câmara e pareceu vir atingi-los em cheio, assim como por ocasião do incêndio no Museu, a todos parecia sentir o calor das chamas que também buscavam escapar da tela para a platéia!

Reiniciada a sessão, com as partes restantes de «Museu de Cêra», os jornalistas não puderam esconder seu renovado entusiasmo pelo que assistiram e as exclamações de surprêsa eram constantes.

Encerrada a exibição, os jornalistas brásileiros manifestaram-se, em sua maioria, pelo aplauso sincero à Terceira Dimensão, mas concordaram ser bem difícil definir o espetáculo em seu todo.

Isso acontecera também em outros países onde «Museu de Cêra» foi exibido para a imprensa. Tão interessante é a Terceira Dimensão e tantas são as emoções que provoca durante a exibição, que os jornalistas não encontram palavras para descrever o que sentiram e para definir tais emoções!

Foi, assim, um verdadeiro sucesso, a apresentação à imprensa cinematográfica do Brasil, de «Museu de Cêra», o primeiro filme da Warner Bros. em Terceira Dimensão!

Estiveram presentes a essa exibição de «Museu de Cêra» os seguintes jornalistas cinematográficos brasileiros:

Edmundo Lys (O Globo), Pedro Lima (O Jornal e Diário da Noite), Décio Vieira Ottoni (Diário Carioca e A Noite), Carlos Gaspar (O Cruzeiro), Jorge Ileli (Cigarra Magazine), Clóvis de Castro Ramon (Jornal do Brasil), Ely Azeredo (Tribuna da Imprensa), Zenaide Andréia (Cinelândia), Hugo Barcelos (Diário de Notícias), Newton Couto (REVISTA DA SEMANA), Paulo Pereira (Rádio Jornal do Brasil), Salvyano Cavalcânti de Paiva (Manchete e A Pátria), Lisa Pippercorn (Correspondente no Brasil de «Film Dailly), Valdemir Paiva (O Mundo e O Mundo Ilustrado), Alberto Shatovsky (Jornal do Cinema), Montenegro Bentes (Correio da Noite), Yolandino Maia (Imprensa Popular) e outros convidados.

O correspondente de "A CENA MUDA" em Roma, recolhe impressões de Massimo Girotti e Gianna Maria Canale, sôbre "Spartaco", e os artistas surpreendem dizendo-se entusiasmados com o próprio filme e revelando que sentiram grandes emoções ao assisti-lo!

— O roteiro maravilhoso de "Spartaco" e sua história, que agita sessenta e oito anos antes de Cristo, quando os escravos de Roma pediam pão e liberdade e resolveram lutar para a conquista dêsses sagrados ideais!



Um momento culminante de «Spartaco», quando o ousado gladiador rei dos escravos abraça seu amor Amytis, salvando-a de morte horrível!

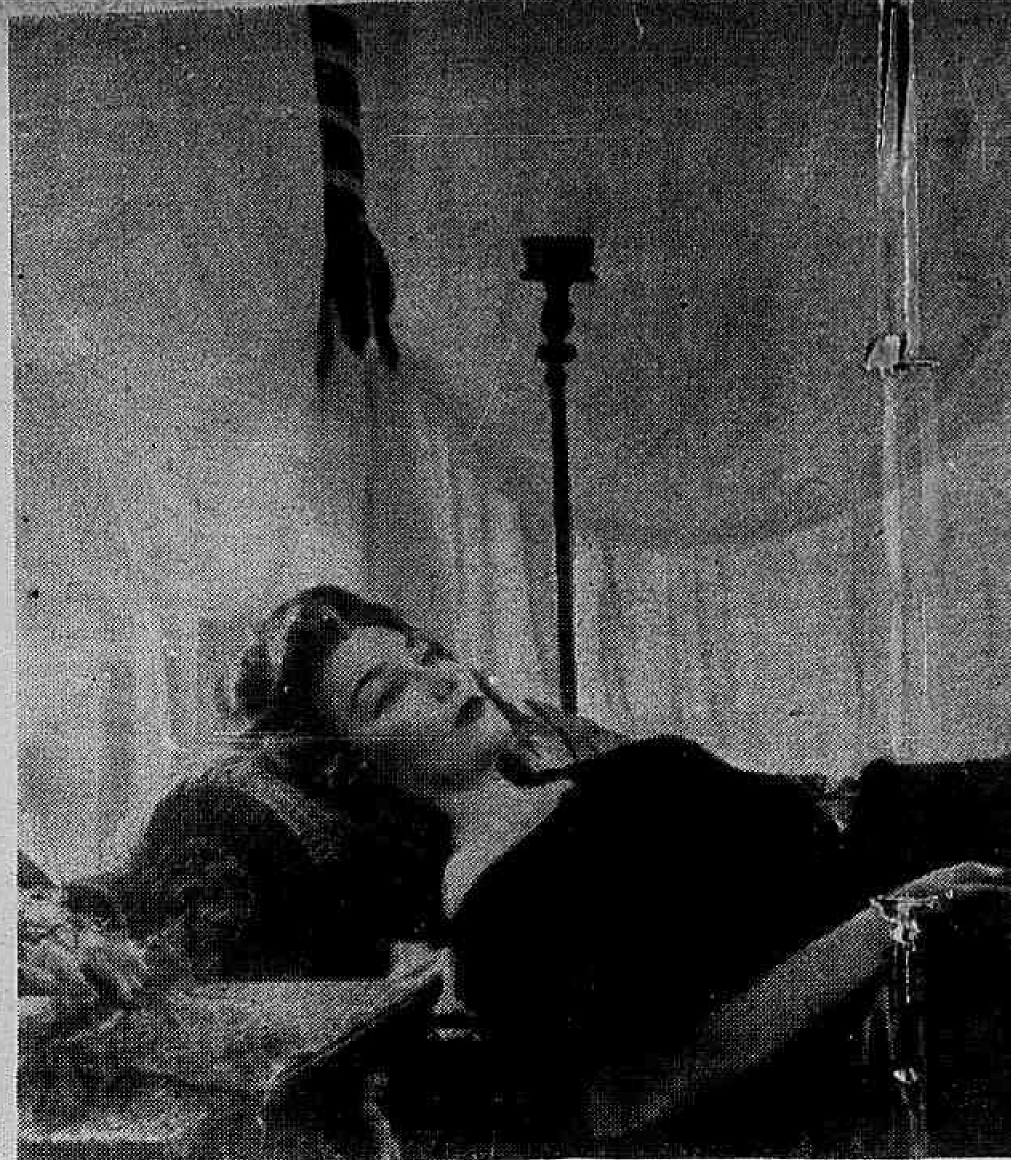
O MONUMENTAL "SPARTACO"

Envio hoje para vocês algumas notas e um ligeiro resumo do filme que vem se constituindo num êxito aqui por essa parte da velha Europa. Refiro-me a «Spartaco», de Riccardo Freda, de quem já vimos tantos espetáculos algo monumentais, mas nenhum superior a essa película que vai firmá-lo como diretor de «colossos», a exemplo de Alessandro Blasseti, na opinião da maioria, o mais ousado de todos.

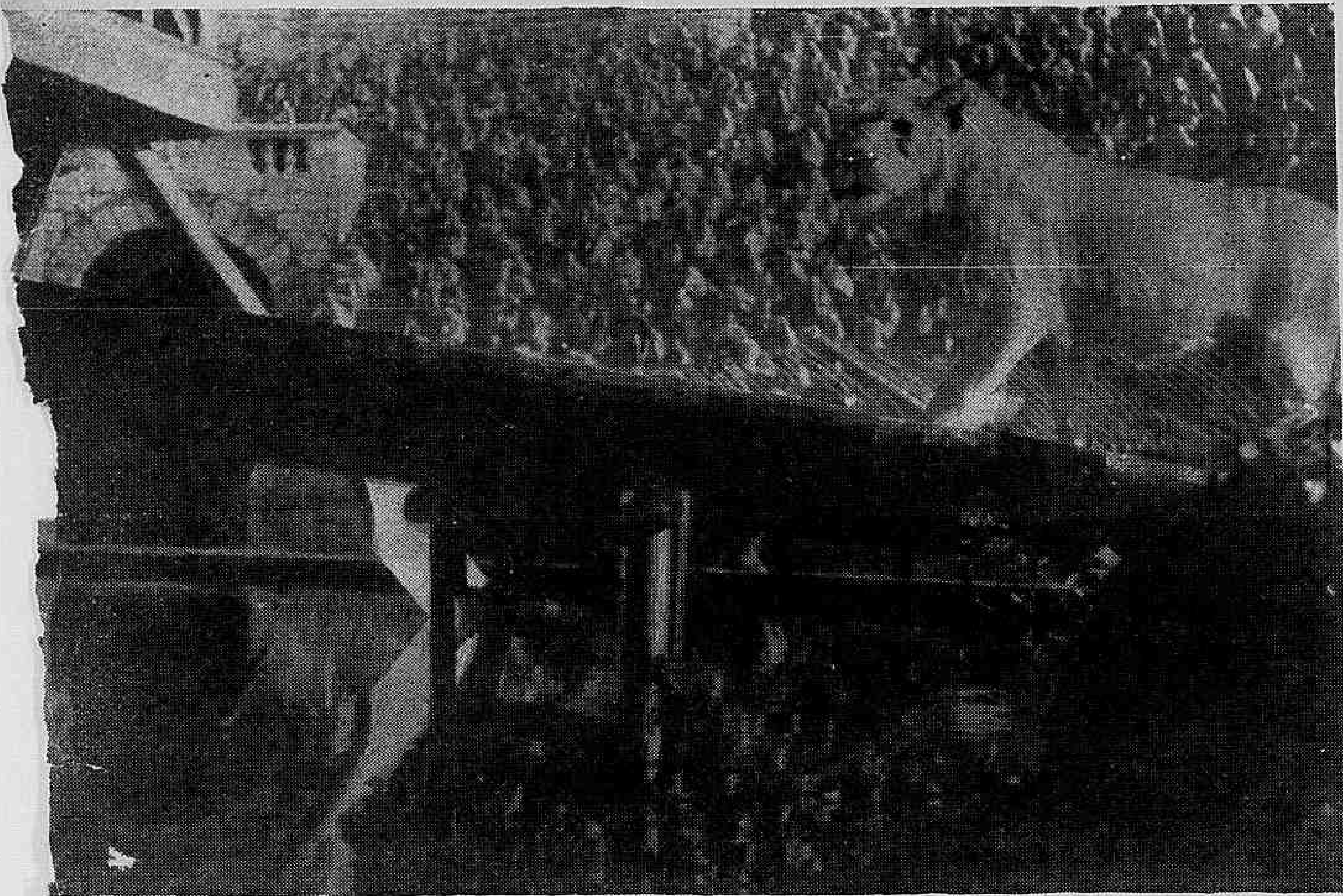
«Spartaco» surge com grandes pretensões de ser o filme do ano, e portanto, me detive a anotar referências de colegas da imprensa. Um dêles disse [illegible] seu extenso comentário ser «Spartaco», um espetác[illegible] de grande valor cinematográfico, porque Freda deu-[illegible] alma nos momentos culminantes. Refere-se, tal[illegible] o jornalista ao «climax», quando Spartaco se vê di[illegible]



A formosíssima Sabina apaixona-se perdidamente por Spartaco, e com isso compromete seu poderoso pai...



Houve um instante em que Spartaco, fas... estonteantes de Sabina, quas...



Spartaco oferece um espetáculo algo assombroso das arenas, onde leões famintos deviam devorar pobres escravos...



Todo o fausto da côrte de Crassus, onde ... estava ameaçado pela deci...

amor de uma irresistível jovem e o dever de ldade para com os companheiros, escravos como e em quem todos confiam para a campanha de libertação.

Valeu a pena recolher impressões dos intérpretes. Estive com Girotti um momento antes dêle embarcar rumo a Paris em viagem curta, dizendo-me que estudaria na Cidade Luz uma proposta para um novo filme franco-italiano. Não sabia coisa alguma do enrêdo, e muito menos quem seriam os demais artistas. ...so também não nos importava naquele momento e sim ...ber como êle encarava sua atuação em «Spartaco». Girotti é um artista que sempre fala com o coração, jamais se furtou a dizer o que sente, quando é ...sível. Eis o que nos disse a respeito de seu papel «Spartaco»:

Lembro-me bem de minha atuação em «A Coroa ...Ferro», de Blasseti, e jamais pude esquecer a ... aterradora daqueles combates em que era a ... principal. Os fãs ignoram, mas nós artistas também sentimos o argumento de um filme, mormente quando o diretor tem fôrça bastante para nos impressionar no desenrolar da filmagem. Freda, quando convidou-me para o papel de «Spartaco», pôs a mão em meu ombro, e disse muito sério: «Girotti, quero que você leia primeiro o argumento e me dê uma opinião depois. Não tenho receio da sua impressão final. Mas, gostaria de saber as suas próprias reações. Valerão muito para mim, antes de iniciar a filmagem». Dias depois procurei satisfazer a curiosidade do diretor dizendo-lhe que «Spartaco» fizera-me passar uma noite acordado. Diante de sua expressão algo incrédula, acresceitei: Li o argumento de uma só vez, tão prêso estava ao seu desenrolar. Jamais me interessou tanto um filme! Acredito que dizendo isso, meu caro Guido, respondo perfeitamente às suas indagações. «Spartaco» foi para mim uma valiosa experiência como emoção de um ator diante de seu próprio filme. Escreva isso, e que também espero poder repetir experiências como essa, ainda muitas vêzes.

Com um largo sorriso, Girotti despediu-se de mim e tomou seu avião rumo a Paris. No dia seguinte tive ocasião de encontrar-me com Gianna Maria Canale e falar-lhe a respeito de «Spartaco». Disse-me a «estrêla»:

— Só posso lhe dizer, Guido, que «Spartaco» foi até agora o filme de que mais gostei nesse retôrno ao cinema italiano. Não falo como intérprete, mas simplesmente como uma admiradora das obras de arte. «Spartaco» é empolgante!

As palavras de Gianna Maria Canale seriam mais tarde reforçadas com as opiniões de Carlo Ninchi, Umberto Silvestri e Vittorio Sanipoli, outros atores do elenco de «Spartaco». Também falei com Gabor Pogany, que teve a seu cargo a responsabilidade de filmar as cenas monumentais dêsse espetáculo bafejado pela popularidade e pelo êxito após sua estréia. Gino Visentini, que adaptou o argumento original de Marie Bory, disse-me:

«As visões de «Spartaco» não saem fàcilmente da



artaco, fascinado pelo corpo e a beleza abina, quase perdia sua fé!



ssus, onde despontava a beleza de Sabina, o pela decisão de Spartaco!

mim
uinte
anale
ne a

» foi
etôrno
mas
s de

mais
inchi,
atores
Gabor
le de
ejado
tréia.
al de

e da

mente do espectador. Ficarão indeléveis por muito tempo, tamanha é a sua fôrça de expressão, aliadas a um tom monumental que atinge um grau elevado, valorizando a direção de Freda e confirmando o valor artístico de Girotti, Gianna, Ludmilla Tcherina e Yves Vincent.»

E, agora, leiam o roteiro de «Spartaco»:

Estamos no ano 68 A.C. Sob as ordens do triunvirato Marcus - Licinius - Crassus, as legiões romanas invadiram a Trácia e a última aldeia caiu sob a violência dos seus exércitos. À testa dos guerreiros, encontra-se Lucius Varinius Rufus, cruel e tirano, que se atira contra a população subjugada. Spartaco, decurião do país vencido, reage à opressão. Ferido em seu orgulho, Rufus decreta a prisão do rapaz, que deverá ser julgado por Crassus. A discussão entre os dois homens resulta do terrível massacre do archonte de Trácia, efetuado por ordem de Rufus. A filha do archonte chega ao local, crendo, erròneamente que o assassino de seu pai é Spartaco. Ela é Amytis, que

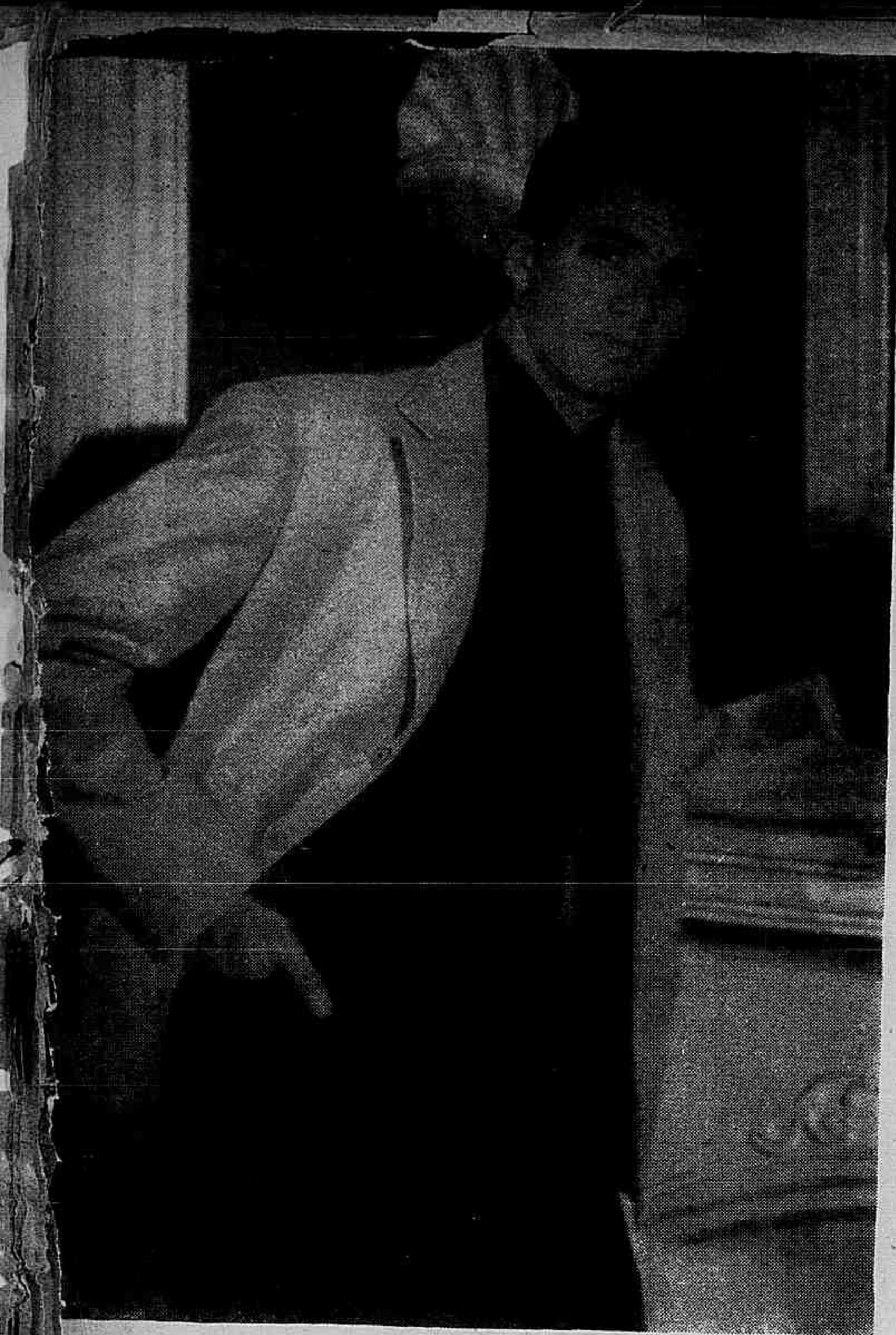
O MONUMENTAL "SPARTACO"

deve também ser conduzida a Roma como escrava. O Tribunal romano está funcionando sob a tenda de Crassus, perante o próprio Crassus e sua linda filha Sabina. Spartaco é também condenado à escravidão, porém, com o auxílio de Sabina, impressionada pela beleza do gladiador, consegue escapar à morte certa. Os escravos são conduzidos acorrentados a Roma, e Spartaco reconhece entre êles a sua própria mãe, que, em vão tenta aproximar-se dêle. O rapaz assim mesmo tenta escapar, principiando uma luta feroz contra um grande número de guardas, mas é reduzido à impotência. A extraordinária fôrça de Spartaco, porém, chama a atenção de Lentulus Batiatus, encarregado do angariar gladiadores; êle contrata Spartaco para os jogos circences. A popularidade de Spartaco surge ràpidamente, mais aumentando a admiração que lhe devota Sabina, atualmente em Roma. A bela Amytis também sente fascínio pelo rapaz, principalmente ao saber que foi Rufus e não êle, o assassino de seu pai. Sabina apercebe-se do fato, e, ciumenta, decide vingar-se na jovem. Ela aproveita a ocasião dos grandes jogos para organizar um espetáculo no qual Amytis, amarrada à proa de um navio construído no anfiteatro, deverá ser devorada por leões. Mas, à hora do sacrifício, Spartaco intervém, salva Amytis de uma morte horrível. E, a partir daquele instante, Amytis principia a amar o jovem gladiador. O povo exige a liberdade de Spartaco, mas êste recusa, pois decidiu fugir em companhia dos outros gladiadores. O plano surte efeito, porém, sòmente após uma luta furiosa com os pretorianos, que vieram atrapalhar a fuga. A revolta de Spartaco é o início em tôda a Itália, da famosa rebelião dos escravos. Um verdadeiro exército de escravos, tendo Spartaco à frente, é uma ameaça para a segurança de Roma; uma após

(Cont. na pág. 34)



Não fôsse o ciúme doentio nomao pela fabulosa e t Amytis, e Spartaco não t iz, como teve, um destino s



Paulo Monte, que estêve em Hollywood e chegou a fazer um filme de «cow-boy» na Columbia, vai retornar à capital do cinema para tomar parte nas cenas interiores de «O Americano». Paulo Monte será o único ator brasileiro a participar das filmagens de «O Americano» em Hollywood. E' possível que êle volte, pois sua grande pretensão é ganhar fama no cinema brasileiro.



Luís de Barros quando realizou «E' prá casar», juntou êsses dois novos: Alexandre Amorim e Iris Del Mar. Ambos vieram do teatro. Êle fôra assistente de Walter Pinto e ela ainda pertence ao elenco fixo do famoso produtor de espetáculos musicados. A reunião dos dois parece que deu certo, tanta simpatia e afinidade revelaram, e o mesmo Luís de Barros pretende uni-los novamente em seu segundo filme da mesma produtora.

CINEMA NACIONAL EM FOCO

O grande escândalo do mês não foi como s fãs brasileiros possam pensar, a briga ntre Anselmo Duarte e Ilka Soares, mas m acontecimento quase incompreensível, ão fôsse ela uma americana e êle um brasileiro, de sangue bem latino e portanto, ardoroso e arrebatado.

Trata-se, amigos, de um escândalo que nscrevemos aqui com as devidas reservas, que as versões são dadas isoladamente, e o tenhamos ouvido a fonte oficial, no aso o grande prejudicado na história. Soumos, no entanto, que êle reagiu à altura foi até valente quando descobriu tudo, mbora fôsse, como em todos os casos, o último a saber...

Eleanor Powell teve um "flirt" com Mário Sérgio, e com isso zangou-se muitíssimo Glenn Ford, achando que o artista brasileiro havia exagerado em suas demonstrações sentimentais. Acontece que Mário Sério, ao que tudo indica, é o menos culpado, ois a própria Eleanor sentiu-se enamorada "astro" da Vera Cruz, encontrando-o amiudadamente em Guarujá, onde duas uipes filmavam regularmente. A de "O ericano", as cenas exteriores dêsse filme, Campinas, e a da Vera Cruz, as cenas "E' Proibido Beijar", um filme de Ugo nbardi com Mário Sérgio e Tônia Car-

Acontece que o sr. Glenn Ford descobriu a coisa em momento crítico, e não fôsse a intervenção apaziguadora de Tônia Carrero, o incidente teria tido um final não muito feliz, porque a decisão do "astro" americano foi quase inabalável.

Houve muita gente no "Nick Bar" que encarou a atitude de Mário Sérgio como sensata, pois o mesmo não interviu quando Eleanor e Glenn tiveram um entendimento rápido após o flagrante, se é que se pode chamar a coisa de entendimento.

Muitos outros comentam o fato dizendo-se envergonhados com o sucedido. Não há razão para tal. Ainda recentemente em Hollywood a "estrêla" Jane Powell fazia coisa mais ou menos parecida (pela semelhança da inconseqüência que desejam atribuir a Eleanor Powell) deixando um lar que fôra construído entre promessas risonhas, para se ir com o seu novo amor, Gene Nelson, que por sua vez destruiu seu lar onde parecia muito feliz com espôsa e filhos.

Quando fala o coração, meus amigos, a coisa é muito séria, e assim é difícil saber até onde os três personagens têm razão. Glenn Ford e espôsa, partiram, segundo ouvimos dizer, em cabines separadas e é dado como certo o divórcio entre ambos. Se isso acontecer será profundamente lamentável, mas que fazer quando cupido resolve interferir?

★

No Nick Bar, Fernando Pereira, o promissor artista da Vera Cruz, que deve aparecer brevemente em "Luz Apagada", bebeu alguns uísques e cismou com alguns cole-

gas. O apreciado "galã" também tem direito de se zangar, gente, e não há motivos para reconhecer na atitude do rapaz, um sinal de decadência moral.

★

Alex Viany termina nos estúdios "Carmem Santos", "Rua sem Sol", com Dóris Monteiro e Carlos Cotrim. Para ali deverão entrar, muito breve, a equipe da Vera Cruz que filmará "A Voz do Violão" — Fada Santoro e Carlos Cotrim assinaram com uma produtora paulista e deverão interpretar "A Dúvida", com direção de Vladimir Lundgren. — Jorge Ilelli deverá ser o produtor do primeiro filme da nova fase da Flama, um argumento escrito por êle mesmo Ilelli e cenarizado por Paulo Vanderlei e Leon Eliachar. Direção de Paulo Vanderlei e participação da dupla Marlene e Luís Delfino.

Em São Paulo, Cavalcânti prepara-se para a nova aventura nos estúdios da Kino. Soube-se que nessas últimas semanas Cavalcânti andava muito por baixo junto à alta direção da Kino. Agora, melhorou um pouco... Naturalmente estão esperando a estréia de "O Canto do Mar". Cavalcânti projeta "A Mulher de Verdade", e a escolhida foi até agora a querida cantora Inezita Barroso.

★

Rodolfo Nanni, diretor de "O Saci", da Brasiliense Filmes, deverá dirigir uma película nos estúdios da Kino.

★

A Atlântida terminou "A Carne é o Diabo", e deverá iniciar o seu filme carnavalesco que não será mais dirigido por Luís de Barros, que brigou com Ribeiro e vai produzir nos estúdios do Jacarèzinho uma Comédia musical com Badu.

★

Nelson Pereira dos Santos terminou "Balança, Mas Não Cai", que Paulo Vanderlei não pôde finalizar. A Unida promete mostrar êsse filme muito breve aos cariocas.

★

Na Vera Cruz filma-se "Candinho" e "Floradas na Serra'. Na Multifilmes está em fase de cortes "O Craque", enquanto são preparados os cenários de "Música Sem Nome" e "Invasão no Paraíso". Civelli está apressando a construção de seus laboratórios para evitar falhas na revelação das cópias, como aconteceu com "O Homem dos Papagaios"

UM FILME GAÚCHO: "REMISSÃO"



A Farrapos-Filme, do Rio Grande do Sul, terminou as filmagens de «Remissão», seu primeiro celulóide de longa metragem. A lourinha é Noemia Selva, «estrêla» da fita.



«Remissão» é um passo avançado que os gaúchos dão para consolidar uma indústria de filmes com sede em Pôrto Alegre. Noemia Selva é a grande revelação.



Belas paisagens naturais da capital gaúcha servem de fundo a uma cena romântica de «Remissão», com Laura Guimarães e Ênio Radamés. Êste é o rio Guaíba.



Norimar Brasil é outra «estrelinha» revelada no filme gaúcho «Remissão», da Farrapos-Filme. Norimar foi escolhida para o segundo filme da mesma produtora.

CINE-HISTÓRIAS

OS IMPLACÁVEIS

ELENCO

Sariddu Costa	**ROSSANO BRAZZI**
Stellina Luparello	**CLAUDINE DUPUIS**
Don Salvatore Sparaino ...	**CHARLES VANEL**
Elena Occhipinti	**Milly Vitale**
Massaro Saverio Luparello..	**Giovanni Grasso**
Ciro Sollima	**Ignazio Baizamo**
Barão Occhipinti	**Eduardo Cianelli**
Rosa, amante de Ciro	**Carla Caló**
Don Carmelo	**Turi Pandolfini**
Turi lo Curto	**Natale Cirino**

Direção de CAMILLO MASTROCINQUE

Apresentação da ART FILMS

Há muitos anos na Sicília, sôbre as montanhas «delle Madoine», áspera e contundente como seus filhos, duas famílias — os Luparelle e os Costa — são envolvidas em uma trágica fatalidade, foram jogados uns contra os outros. À morte de Diego Costa e de sua espôsa Wanda, seguiu-se o assassínio de Andréa Luparelle, operado pela Mafia, executora de uma justiça primordial e implacável.

Don Salvador Sparaino, o «Massaro» da Mafia de Madoine, sàbiamente providencia a ida para a América, entregue aos cuidados de «amigos», o jovem Sariddu, pequeno filho de Costa, a fim de afastá-lo do clima de ódio e de violências reinantes na região depois dos acontecimentos nos quaís seu pai e sua mãe foram tràgicamente vitimados pela ira de Andréa Luparelle; enquanto Turi lo Curto, o fiel «Zio Turi», permanece como administrador das terras e demais posses, que Diego Costa com tanto sacrifício e amor, havia conquistado nos confins das terras de Saverio Luparelli, onipotente chefe do feudo do Barão Occhipint, o pai de Andréa.

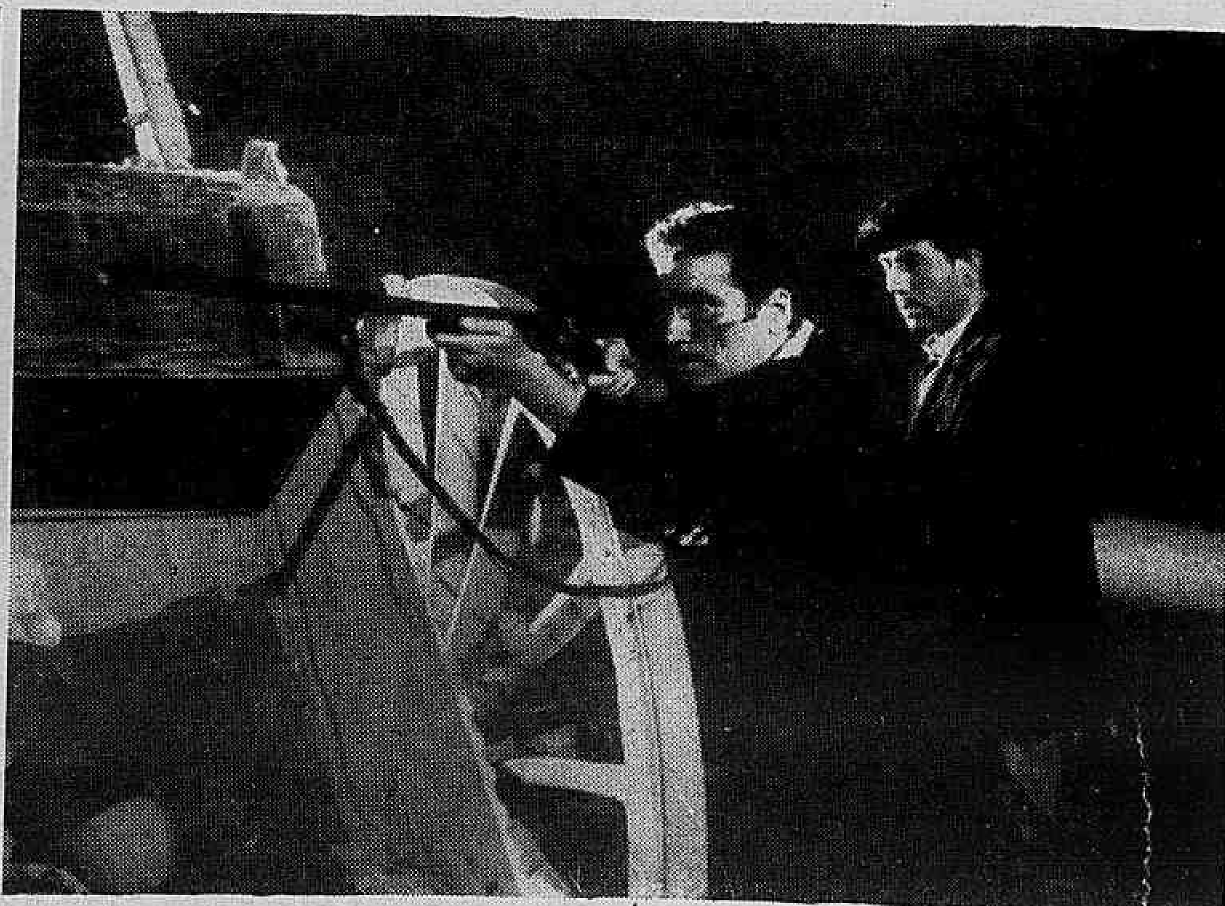
Sôbre êsses acontecimentos, rolaram quinze longos anos . . . que tudo teriam sepultado . . . mas a lei do ódio não se derroga com o tempo . . .

O Barão é sempre assediado pelo seu feitor que medita calma e astutamente uma maneira de apossar-se do rico feudo. Michéle e Gaspare, inoperantes e ineptos filhos de Saverio, são dominados por um aventureiro, Ciro Solima, um jovem que vem ganhando autoridade pela péssima vida que leva . . . Êste, apaixona-se por Estellina, irmã de Michéle e Gaspare. Por êste amor está disposto a sacrificar as suas relações com Rosa, mulher vulgar que é «garçonette» na taverna local.

Um dia, Sariddu Costa, já homem feito, volta ao seu



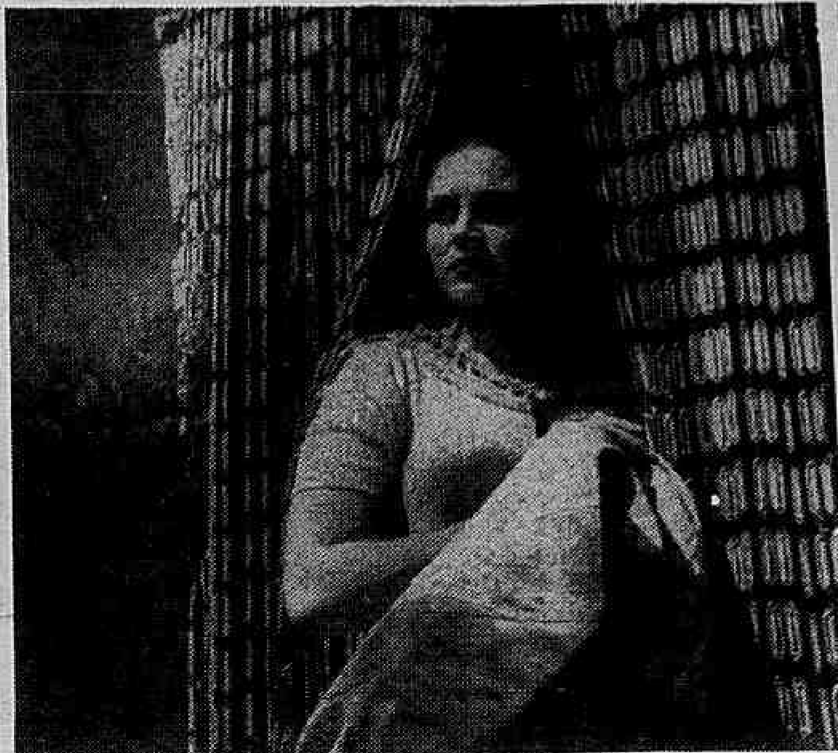
A luta entre os Luparello e os Costa envolvem as duas famílias numa trágica fatalidade!



Um clima de ódio e violências começou a dominar a região após a morte de Diego Costa e sua espôsa.



Naquele pequeno país o falatório cresce ràpidamente e chegam aos ouvidos de Stellina, perturbando-lhe o ânimo.



Rosa teme pela sorte de Ciro que ela sabe ser um indivíduo de mau caráter e um vulgar assassino!



O coração de Sariddu começa a palpitar por Stellina, a doce companheira de folguedos de sua infância.

«paese» a passeio. Instala-se em sua velha casa sôbre a Madoine. Sùbitamente renasce nêle o velho amor pela sua terra natal e seu coração começa a palpitar por Stellina, a doce companheira de folguedos de sua infância. Os seus projetos se antepõem aos planos do «Massaro» Saverio e do tremendo Sollima, o qual para alcançar os seus inconfessáveis desígnios procura comprometer Stellina, não conseguindo, investe contra Sariddu e não hesita em recorrer à fôrça, à violência e à intimação. Diante dêsse comportamento de seus conterrâneos, Sariddu toma uma decisão: ao invés de fugir, êle ficará sôbre aquêles montes e continuará a obra de seus pais, com a ajuda de seus fiéis amigos e do velho Salvador Sparaino que vive agora à parte da vida pública para não confundir-se com os deliqüentes: embora tenha ainda a autoridade de Massaro da Mafia, êle é, já velho, um conselheiro do povo.

O Barão Occhipint está exultante pela decisão de Sariddu e, depois de haver-lhe confiado a «cura» de seu feudo, começa a pensar em dar-lhe em matrimônio a sua linda filha Elena. Naquele pequeno país o falatório cresce ràpidamente e chega aos ouvidos de Stellina, perturbando-lhe o ânimo.

Ciro Sollima, para perturbar a obra de reconstrução de Sariddu, começa a induzir os agricultores a abandonar a terra. Uma noite êle espalha o terror e o incêndio no feudo, um trabalhador amigo de Sariddu é assassinado covardemente, e, do delito não fica senão a notícia porque ninguém delata os criminosos. A justiça nada pode fazer porque o silêncio paira sobranceiro, como uma torturante resposta a tôdas as perguntas: é a eloqüência do silêncio inspirado no mêdo, que facilita o trabalho dos bandidos. A ação nefasta de Sollima, agora, não tem mais freio. Repudiado por Stellina, êle resolve destruir Sariddu numa emboscada, mas a moça descobre os planos e vai avisar o seu amado, quando implora que êle fuja da luta e do ódio, mas Sariddu resolve, então, entrar em luta aberta contra o inimigo terrível até sanear a terra que tanto ama! Ao regressar da casa de Sariddu, a quadrilha de Sollima está a postos para assassinar o seu noivo. Sollima surpreende a jovem e obriga-a a prometer que se casará com êle em troca da vida de Sariddu.

A notícia das próximas núpcias de Stellina e Sóllima desespera Sariddu, que julga uma deslealdade da moça, mas o «Zio Turi», que conhece os fatos, mas estava proibido de falar, conta a Sariddu como foi conseguido o consentimento.

Na noite do casamento, Sariddu surge na residência de Saverio, e afrontando tudo e todos, declara ao velho que ama Stellina e não pode permitir que ela despose um bandido apenas para salvar a sua vida. Ciro arranca do punhal e investe contra o jovem. Estabelece-se uma luta entre os dois homens até Ciro ser desarmado e vencido. Mas, estando no chão, êle levanta-se e golpeia o contendor com uma cadeirada nas costas. Sariddu cai sem sentidos, enquanto o «massaro» expulsa de casa o odiento Sollima, que promete voltar para a revanche, e, de fato, momentos depois, volta com sua quadrilha e inicia um tremendo tiroteio contra aquela casa. Enquanto isso, Rosa vai ao Chefe da Mafia e movida pelo ciúme pede a ajuda dêste para salvar o seu amante Sollima.

Quando chega a Mafia e prende os quadrilheiros, Turi está ferido, mas tem ainda tempo, antes de morrer, de pedir a mão de Stellina para o seu querido Sariddu.

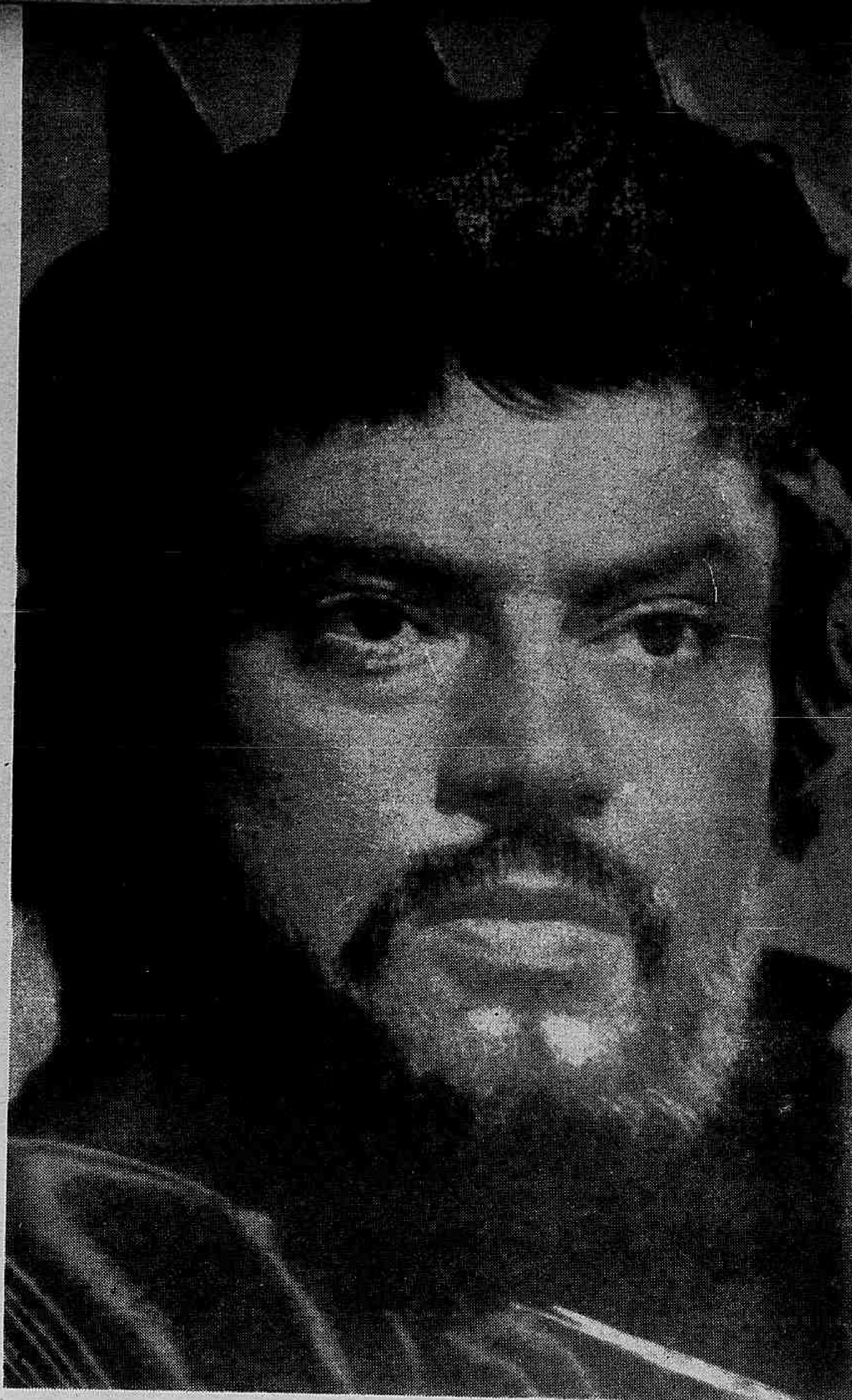


Rosa, amante de Ciro, armava suas intrigas na taverna do lugar, concebendo dêsse modo a mais torpe vingança!



A bondade de Don Salvatore salva Sariddu Costa de uma vida infeliz, enviando-o, ainda jovem, para a América.





Martine Carol a nova Lucrécia Bórgia imaginada por Christian-Jacque, transforma-se numa sensação feminina! Pedro Armendariz, célebre ator mexicano, foi o escolhido para o papel de César Bórgia e realizou uma grande interpretação!

CORREIO DA EUROPA









4 expressões de Martine Carol a bela artista francesa no papel de Lucrécia Bórgia, a mulher que significa pecado e traição! Nesse filme ela demonstra todo seu talento e tôda sua sedução.

A NOVA LUCRÉCIA BÓRGIA

O DIRETOR CHRISTIAN-JACQUE CONCEDE PALPITANTE ENTREVISTA SÔBRE SEU NOVO FILME QUE REÚNE MARTINE CAROL COMO LUCRÉCIA BÓRGIA E PEDRO ARMEDARIZ COMO CÉSAR BÓRGIA ★ TODO O ESPLENDOR DE UMA ERA DE ÓDIOS, VINGANÇAS E AMOR NUM FILME QUE NARRA A VIDA DA FAMOSA LUCRÉCIA EM SEUS DETALHES MAIS ÍNTIMOS ★ UM FILME QUE CUSTOU DUZENTOS E CINQÜNTA MILHÕES DE FRANCOS!

Texto de **JEAN DESBOCUTT**, correspondente de «Press Cinema» na Europa — Especial para «A CENA MUDA»



O astro italiano Massimo Serato é um dos apaixonados da belíssima e perversa Lucrécia (Martine Carol), no filme que custou duzentos e cinqüenta milhões!

No "set" monumental de "Lucréce Borge" conversei alguns instantes com o Diretor francês Christian-Jacque, um dos mais categorizados realizadores cinematográficos da Europa, que não escondeu do repórter a sua satisfação pelo término das filmagens dêsse novo espetáculo destinado aos milhares de espectadores em todo o mundo.

Christian-Jacque fala pouco. Isso havia me advertido o seu assistente, mas confiei na minha intuição de jornalista para arrancar-lhe alguma coisa curiosa que pudesse interessar aos fãs brasileiros.

Para dar uma idéia do valor de "Lucréce Borge" basta dizer que foram gastos na sua realização cêrca de duzentos e cinqüenta milhões, uma cifra muito alta para um filme, mas não tão alta quando o assunto comporta a conquista de uma obra de arte. Comecei perguntanto a Christian-Jacque sua real impressão sôbre o que vira do filme que acabava de fazer. Um Diretor geralmente encontra evasivas para falar de seu trabalho, mas Christian-Jacque surpreendeu porque agiu ao contrário, isto é, não escondeu o que sentia a respeito de sua mais recente película:

— Devo confessar, meu caro, que não me é muito difícil falar de uma obra que acalentei durante alguns anos. Todo cineasta tem um filme que deseja fazer, mas por circunstâncias várias, vai adiando até que a oportunidade de realizá-lo surge como por encanto, e aí se dá aquela emoção fortíssima de se ir ao encontro de uma coisa tão desejada, mas que se receia, receia-se justamente porque se teme fazer por onde perdê-la, receia-se não se ter o bastante entusiasmo para completá-la dignamente. Não é de hoje o meu sonho de realizar "Lucréce Borgia". Havia lido tudo que se escrevera a respeito dessa mulher diabólica e de sua família, particularmente dos irmãos com quem chegou a ter relações sentimentais que escandalizaram uma época. Fiz "Carmem" sem deixar de pensar em "Lucréce Borge", e cada vez mais me empenhava para realizá-la, faltando-me tão sòmente os recursos, não financeiros, mas artísticos. Eu sonhava uma "Lucréce Borge" diferente, nem tão "glamourizada" como a fizeram os americanos algumas vêzes, nem tão pouco fria nas versões européias. Um meio têrmo seria o ideal. Trabalhei num esbôço de cenário e modelei algumas cenas de um enrêdo que me inspirava uma certa biografia de Lucrécia, justamente porque a história nesse livro parecia mais real e verdadeira. Tudo estava num simples projeto e eu não sabia quando levar adiante os meus planos, mas não desistia de burilar o enrêdo e pensar nas cenas principais. Algumas vêzes recolhí-me em fins de semana para estudar os efeitos de uma cena grandiosa, como de outras vêzes passei dias inteiros relendo livros sôbre Lucrécia e o estudo psicológico de suas reações. Era uma mulher fria, mas que atraía pela extraordinária beleza, com um "glamour" diferente, algo assim jamais visto. Comecei a pensar na "estrêla". Vira uma foto de Martine e de relance percebi traços de minha Lucrécia, a verdadeira, a que eu sonhara modelar num filme. Ficou apenas na primeira impressão, um tanto vaga, quase um esbôço. Um encontro, depois outro e demais contactos com Martine, e já não me saía da idéia fazê-la Lucrécia, tão surpreendente como fôra para mim ao vê-la deixar as simples páginas de um livro e viver na minha imaginação, por semanas no meu cérebro e alguns instantes, na minha retina. Acostumei-me à idéia de ter Martine como Lucrécia e preocupei-me então com César Bórgia.

Nêsse ponto interrompemos Christian-Jacque para indagar o "porquê" da escolha de Pedro Armendariz. Era o que êle ia explicar e assim continuou:

— Confesso que poucas vêzes ouvira referências de Pedro Armendariz. Ví seu primeiro trabalho, um filme mexicano naturalmente de Fernandez e Figuerôa num Festival, e tivera um encontro rápido durante um almôço. Comparei o Armendariz da tela e em pessoa e comecei um trabalho de imaginação para transformá-lo em César Bórgia. A máscara ajudava, o talento do artista era evidente e só restava saber se êle estaria disposto a voar do México até aqui para viver um papel tão difícil, um tanto fora de seu gênero regional. Armendariz, isso todos sabem e os que não sabem deduzem, é o mexicano típico e daí o sucesso de suas interpretações nos filmes de Fernandez e Figueirôa que o popularizaram como o "charro" valente e ardoroso. O Armendariz de "Enamorada" me pareceu muito sentimental. Vi depois o Armendariz de "A Pérola" e me entusiasmei. Dirigido para outro ponto, Armendariz rendia bem e se o conduzíssimos para um papel bem forte, mesmo que usasse um "maquillage" especial, endurecendo os traços, sofisticando os olhos, tal como um Bórgia, impassível de rosto e coração, não seria difícil transformá-lo no personagem para o qual eu pensara na história de Lucrécia. Consultei o artista, recebi resposta afirmativa, tive ciência de que êle gostaria de interpretar César Bórgia, embora me confessasse não haver jamais pensado em tal coisa. Considerava o filme uma necessidade quando soube a minha pretensão de tratar o assunto. Aceitou afinal quando eu lhe disse que Lucrécia seria Martine Carol.

Christian-Jacque fêz uma ligeira pausa para atender a seu assistente em um pequeno problema do estúdio, e voltou a falar:

— Convidei ainda Massimo Serato, um ator italiano de bons recursos e grande

(Cont. na pág. **34**)



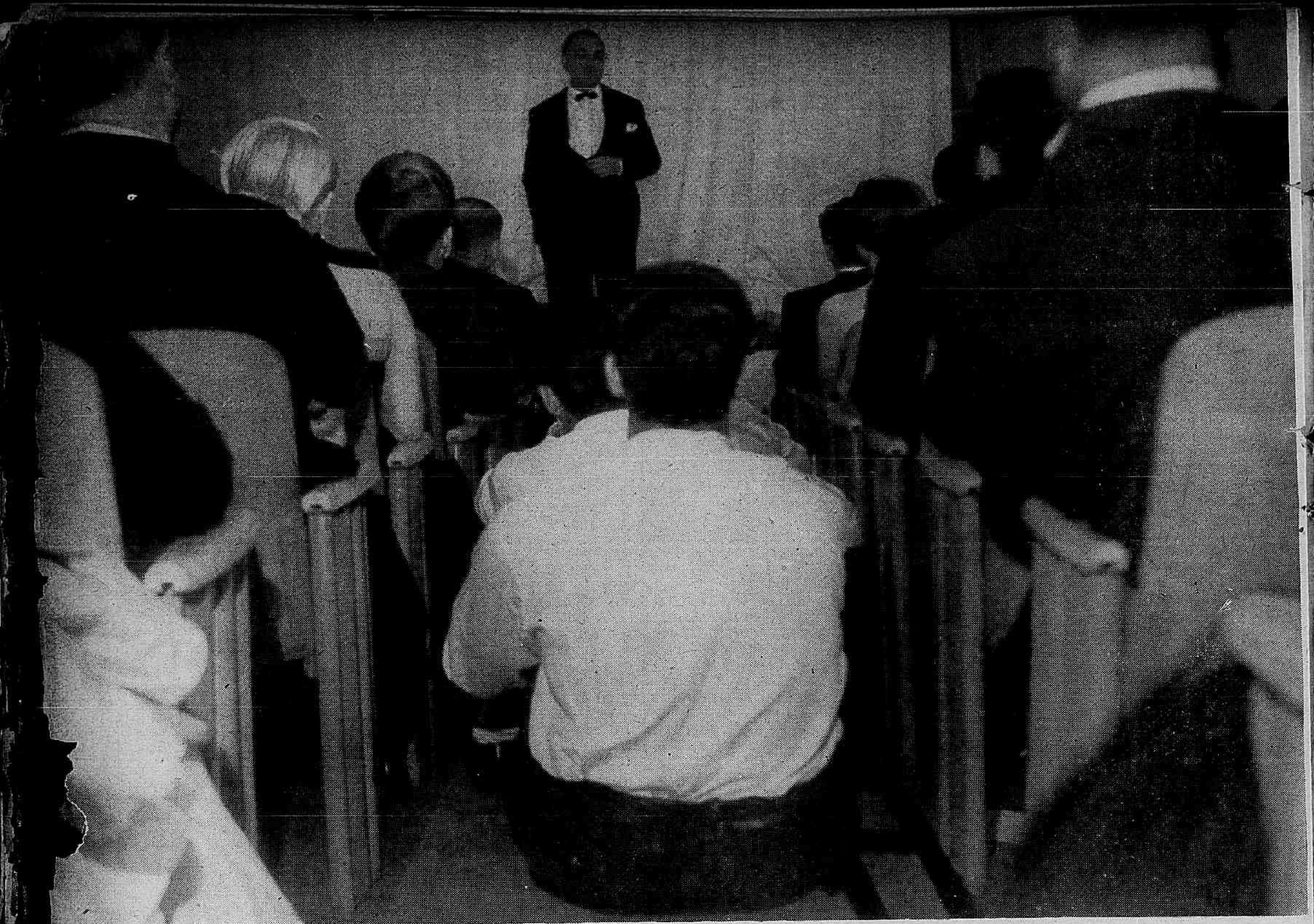
Uma cena violenta entre César e Lucrécia no majestoso palácio dos Bórgia, cenário de amôres proibidos e ódio constante que não conhecia obstáculos!



Christian-Jacque recolheu as emoções da história de Lucrécia Bórgia e levou-as ao cinema, com todo o fausto da época vivida pela diabólica irmã de César!



Martine Carol, a nova Lucrécia Bórgia, formosa e impenetrável num cenário bizarro do filme que Christian-Jacque sonhou fazer durante anos seguidos!



Pascoal Carlos Magno apresenta o espetáculo inaugural da temporada de 1953. E' tão grande o interêsse do público pelo seu teatrinho que foi obrigado a aumentar para 100 o número de poltronas. Com a crescente procura de ingressos, o Teatro Duse se transformará num clube de teatro, com a mensalidade de cinqüenta cruzeiros e uma porção de vantagens para os seus sócios. A renda social será aplicada no desenvolvimento das atividades do Teatro do Estudante.

O TEATRO DUSE DE PASCOAL CARLOS MAGNO

★ PEQUENO EM SUAS DIMENSÕES ★ IMENSO PELAS SUAS FINALIDADES E REALIZAÇÕES







Alguns momentos de grande intensidade dramática da peça «O Idiota», vividos por Luciana Peotta (Aglaia), Nelson Marianni (O Príncipe Miskin, o idiota), Edson Silva (Gania) e Ana Edler (Nastásia).

ALGUNS há que consideram Pascoal Carlos Magno um louco. Admirável loucura que vem realizando um dos mais extraordinários trabalhos já feitos no Brasil em matéria de teatro. Primeiro foi o Teatro do Estudante, em temporadas memoráveis que revelaram alguns dos valores novos — Sérgio Cardoso, Paulo Pôrto, Luís Linhares, Maria Fernanda, Jaime Barcelos, cenógrafos Pernambuco de Oliveira e Nilson Pena, diretor José Maria Monteiro e outros. Mas, a paixão de Pascoal pelo teatro fê-lo realizar ainda mais: construiu uma casa de espetáculos em sua própria residência! E assim nasceu o «Teatro Duse», cujo título encerra uma homenagem à grande atriz. No Duse se instalou um laboratório de teatro experimental cuja função é justamente dar oportunidades. Oportunidades a gente nova para representar, dirigir, decorar, escrever teatro. E assim o Duse se realiza, atraindo multidões a Santa Tereza (rua Hermenegildo de Barros, 161), que aplaudem o trabalho admirável de Pascoal e de sua gente.

Inaugurando a temporada de 1953, o Teatro Duse apresentou «O Idiota», peça que um estreante, Leo Victor, extraiu do romance de Dostoiewsky. Nossa reportagem também subiu o morro e fixou êstes aspectos da estréia dêsse espetáculo que registrou um êxito expressivo:

«O IDIOTA»

(Quatro atos de Leo Victor)

Príncipe Miskin, o idiota — Nelson Marianni; Aglaia Ivanovna — Luciana Peotta; Nastasia Filipowna — Ana Edler; Rogozhin — Jorge Chaia; Gania — Edson Silva; General — Hélcio de Souza; Elizavetta — Geny Borges; Totski — Celso Borges; Criado — Walter Ponti.

Direção de Nina Ranewsky, cenários de Ivon e figurinos de Rosa Carlos Magno

O Teatro Duse programou, para êste ano, a encenação dos seguintes originais inéditos: «13 degraus para baixo», de Lúcio Fiúza; «Põe dinheiro no bôlso, Rodrigo», de Duque Costa; «Lampião», de Raquel de Queirós; «Um homem sem sorte», de Carneiro de Miranda; «Declive», de Etelvina Zaniniri; «Emanuel», de Abelardo Romero; «Catão na terra», de Pereira Lima; «A vida é nossa», de Accioly Neto; «A grande aventura», de Alexandre Konder; «Atire a primeira pedra», de Didi Fonseca; «Tropeiro», de Ivan Pedro de Martins. Um programa magnífico de realizações que os sócios do Clube de Teatro poderão usufruir.



O Teatro Duse fica em Santa Teresa. E' um teatro particular, pequenino, onde só se ingressa à convite. Por estas portas já passaram milhares de pessoas para aplaudir bons espetáculos.

Bastidores

SOUTO DE ALMEIDA

FORA DE CENA

● *Foi com tristeza que soubemos da saída da bailarina Berta Rosanova do elenco que apresenta "A Bomba da Paz", no João Caetano. Os quadros em que participava a conhecida bailarina eram precisamente o ponto alto da revista de Nestor de Holanda.*



● *Em São Paulo, Procópio formou companhia tendo como primeira figura a jovem atriz Vera Nunes, ocupando o Teatro de Alumínio onde representam a peça "Precisa-se de um Filho", de Roger Mac Dougall, em tradução do tradutor-mor do reino teatral: Raimundo Magalhães Júnior. E' com prazer que acompanhamos a carreira de Vera Nunes. Conhecemos a "estrelinha" quando tinha quinze anos — e não faz muito tempo — e representava no elenco do Rádio Teatro da Mocidade, da Rádio Ministério da Educação, quando esta emissora realizava o meritório trabalho de revelar vocações jovens. Vale a pena dizer também que da PRA-2 saíram alguns dos valores novos do nosso teatro, entre os quais Fernanda Montenegro, com a companhia "Os Artistas Unidos" e Jaime Barcelos, fazendo teatro e cinema em São Paulo.*

● *Falando em São Paulo, o grupo paulista Teatro Brasileiro de Comédia está representando "Assim é, se lhe Parece", de Pirandello, tradução de Brutus Pedreira, sob a direção de Adolfo Celli. Do elenco fazem parte Luís Linhares, ator que o Teatro do Estudante revelou, Paulo Autran e Autran e Waldemar Wey. E' bom frisar que o T. B. C. cobra o ingresso mais caro de comédia no Brasil: 65 cruzeiros. O que é um dinheiro bem empregado, diga-se de passagem, pela excelência dos seus espetáculos.*



● *O editor de teatro de Manchete nos dá uma interessante notícia sôbre as atividades do Teatro do Largo, de Martim Gonçalves. Pretende Martim o concurso de Sérgio Cardoso para um dos papéis centrais de "Crime na Catedral", de Elliot.*

● *A temporada de comédia da Cinelândia se apresenta com tôda a fôrça. Três espetáculos para rir: no Serrador, o personalíssimo Silveira Sampaio, com Magalhães Graça, brilha em "Deu Freud Contra", mais uma peça de sua autoria; no Glória, Oscarito e família fazem rir com "Cupim"; e no Rival, Marlene e Luís Delfino desopilam o fígado desta geração biliosa com "Angelina e o Dentista".*



ACAPULCO

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Completamente arruinada, Diana Lozano chega à belíssima praia de Acapulco, tendo um plano em mente. Para salvar-se terá que arranjar um casamento rico e isso não será fácil se não contar com a colaboração de alguém que esteja disposto a ajudá-la a conseguir um milionário, coisa muito comum por aquelas bandas...

Ela conhece D. Julio, gerente do hotel onde se hospeda, e é a êsse homem bom que ela conta seus planos, pedindo auxílio. D. Julio ganhará uma boa comissão, e além do mais gosta de pequenas aventuras. Indica-lhe os melhores partidos do momento. O primeiro é D. Alfredo, que viaja com Diana no seu iate e deseja demonstrar-lhe tôda a sua admiração, mas a moça o repele, pedindo para voltar, bastante decepcionada. Depois aceita um convite de D. Delfim, e comparece a uma festa em que sòmente os dois estão presentes. D. Delfim também se mostra apaixonado demais e Diana foge profundamente desolada. Deseja um bom casamento, sim, mas quer conquistá-lo da maneira mais digna. D. Julio lembra-lhe que não poderá faltar ao «show» daquela noite na boite do hotel. Embora fatigada, ela promete que enfrentará a terceira «batalha»!...

Enquanto canta Eva Garza, Delfim, o derrotado, desafia o simpático Alberto a se lançar na conquista de Diana.

— Diana não é como vocês pensam e merece outro tratamento. — Assim diz o guapo Alberto — Demais, deve-se saber até onde se pode chegar... Estou pronto a sacrificar-me. Por uma mulher, assim, irei até ao altar! Além do mais, não esqueçam, é preciso "bancar" o bôbo.

Quando estava a festa mais animada, vaporosa e sugestiva, surgiu Diana, que logo foi recebida por Alberto. Diana, ainda que desejosa, mostrou-se esquiva e declarou-se farta de convites. Diana parecia inalcançável. Neste momento ouve-se a voz de um "boy" que chama a senhorita Lozano pelo telefone internacional!

— Londres chama a senhorita Lozano!... Londres chama!

Diana vai ao telefone e fala, naturalmente com o seu "sócio", que a repreende pela severidade com que está tratando o "pobre" milionário...

— Alguma notícia má? — Pergunta o gentil Alberto.

— Não, nada disso. E' um admirador que tenho em Londres e que não me deixa em paz! Não consigo entender o temperamento inglês...

Diana, que começava a desesperar-se pelo fracasso dos seus planos, diante das maneiras finas e cordiais de Alberto, vê renascer uma esperança. Alberto havia-lhe suplicado que não o confundisse com a maioria dos homens e, que, apesar de apaixonado, êle seria, antes de mais nada, um cavalheiro.

Algumas tardes depois, Diana passeava pela praia e encontra-se com Ricardo, aproveitando a ocasião para agradecer-lhe os vários momentos em que a tem ajudado, e faz sentir que, embora pobre, êle não é como os outros, gulosos de sua beleza e sedentos de prazeres. Ricardo lhe diz que ela precisa conhecer a sua avó, D. Paula.

Diana, jovem mulher educada em ambientes sofisticados e acostumada ao mundanismo, fica sensibilizada pela simplicidade do lar de D. Paula, onde cada objeto fala de uma recordação grata e amena ao seu coração, outrora jovem e ardoroso... Regressa ao hotel e pensa no quão diferente é a sua maneira de tratar os homens e recorda-se de seus planos...

Nessa noite Alberto recebe um telegrama assinado por uma tal de Enriqueta, que pede-lhe para que a espere nessa noite. Fica apreensivo. Diana nota algo diferente e faz perguntas Êle pede-lhe que se retirem para um lugar sossegado e, então confessa-lhe tudo:

— O momento mais feliz de minha vida será quando eu a fizer minha espôsa. Quero casar-me contigo. Mas, ainda não posso. Amo-te e, por isso, quero te fazer uma confissão... Não sou livre... e estou fazendo os trânsmites para o divórcio. Casei-me muito

jovem e faz tempo que vivo separado de minha espôsa...

Diana ouve-o entre deslumbrada e surprêsa.

— ...pensamos no divórcio e ela concordou em dar-me liberdade, principalmente agora que te conheci, pois estava decepcionado com as mulheres. Lutei comigo mesmo, mas êste amor foi mais forte... Tinha mêdo de que não me compreendesses e mêdo de perder-te! E, agora, Diana, digo apenas que te amo!

Já ia beijá-la quando ouvem alguém que se aproxima. Era uma dama de idade incerta e com um irônico sorriso... A espôsa de Alberto, Enriqueta.

Um diálogo cortante e ferino trava-se entre as duas mulheres. Diana fala dos direitos da juventude e do amor, enquanto que Enriqueta, mulher sem ilusões, fala de bens mais sólidos...

— Se Alberto quer o divórcio, concordarei. Um divórcio amigável. Amanhã mesmo falarei com o nosso advogado. Mas, não te esqueças... somos casados com separação de bens...

. Incontidamente, Alberto, pergunta:

— Ficarei sem nada?

Calmamente ouve essa resposta:

— Não, nada "mon cher ami"...

Ela retira-se e Alberto fala com Diana. Esta por sua vez confessa-lhe que veio para Acapulco em busca de um rico marido, de vez que está arruinada. Alberto despede-se e vai ao encontro de Enriqueta, a quem implora desculpas por essa "aventurinha" sem importância... Por seu lado, Diana confessa-se fracassada e D. Julio vê caírem por água abaixo os dourados cem mil pesos...

— Nos negócios a gente corre êsses riscos... Uma baixa na Bôlsa e nada mais! Anime-se! Uma coisa sem importância... Mesmo porque, às baixas sucedem sempre as altas... Descanse uns dias e esqueça tudo isto para voltarmos ao ataque. Não se desvalorize!

Desanimada dos granfinos, Diana passa a aceitar a côrte de Ricardo e êste, envaidecido, propõe casar-se com ela. A moça corre ao encontro de D. Julio e fala-lhe de seus planos, agora, relegados e dissolvidos, de vez que ela casará com um pobretão.

— Ricardo Serrano? Ricardo Serrano, pobretão? Magnífico! Já temos os nossos cem mil pesos! Estão no papo!

Diana olha-o espantada.

— Está delirando?

— Eu deli... Pois sim! Conheço muito bem êsse Ricardo. Ricardo Serrano é, talvez, o homem mais rico de Acapulco!

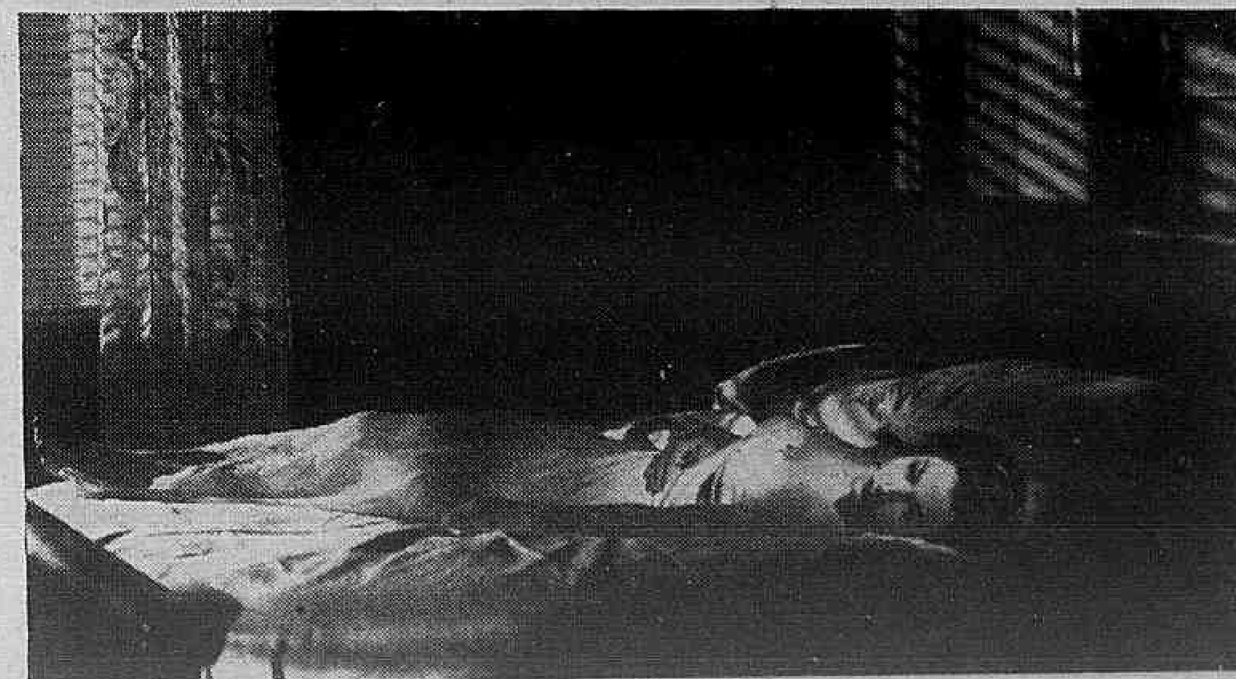
— Mas anda descalço!





Aquêle homem simples, mas sedento de fortuna, desvendara o veu que cobria a sua única ilusão... — Desejo, amor ou coqueteria? Diana e o pescador davam margem para comentários maliciosos. Sob o sol, como ao luar, Diana era uma tentação para todos os homens! — Ela repousava para partir rumo à sua última «batalha», em busca do amor...





— Ora, anda descalço porque é alérgico aos sapatos... Os seus avós já eram donos de enormes terrenos e que com o correr do tempo chegaram a valer milhões!

— Por que, — pergunta Diana —, não me apresentou a êle?

— Porque, bem... porque as mulheres que costumam vir aqui... não lhe interessam sèriamente... Ou talvez, permita que lhe diga... porque as conhece bem e antes de mais nada é o meu patrão. Êle é o dono dêste hotel. Está bem fisgadinho... Basta que diga "sim" e tudo será como imaginamos...

Diana fica amuada. De repente exclama:

— Não! Não me caso!

— Por quê? Reflita bem, senhorita Lozano.

— Êle sabe bem porque vim aqui. Não quero que me julgue interesseira. Agora, sòmente êle me interessa!

Reluta com Diana e esta se mostra disposta a abandonar Acapulco. Pede ao ex-sócio que lhe arranje as passagens de volta. Está findo o "Plano Lozano"...

D. Júlio acede... mas, sai ao encontro de uma outra idéia sua, mas no meio do caminho o motor falha...

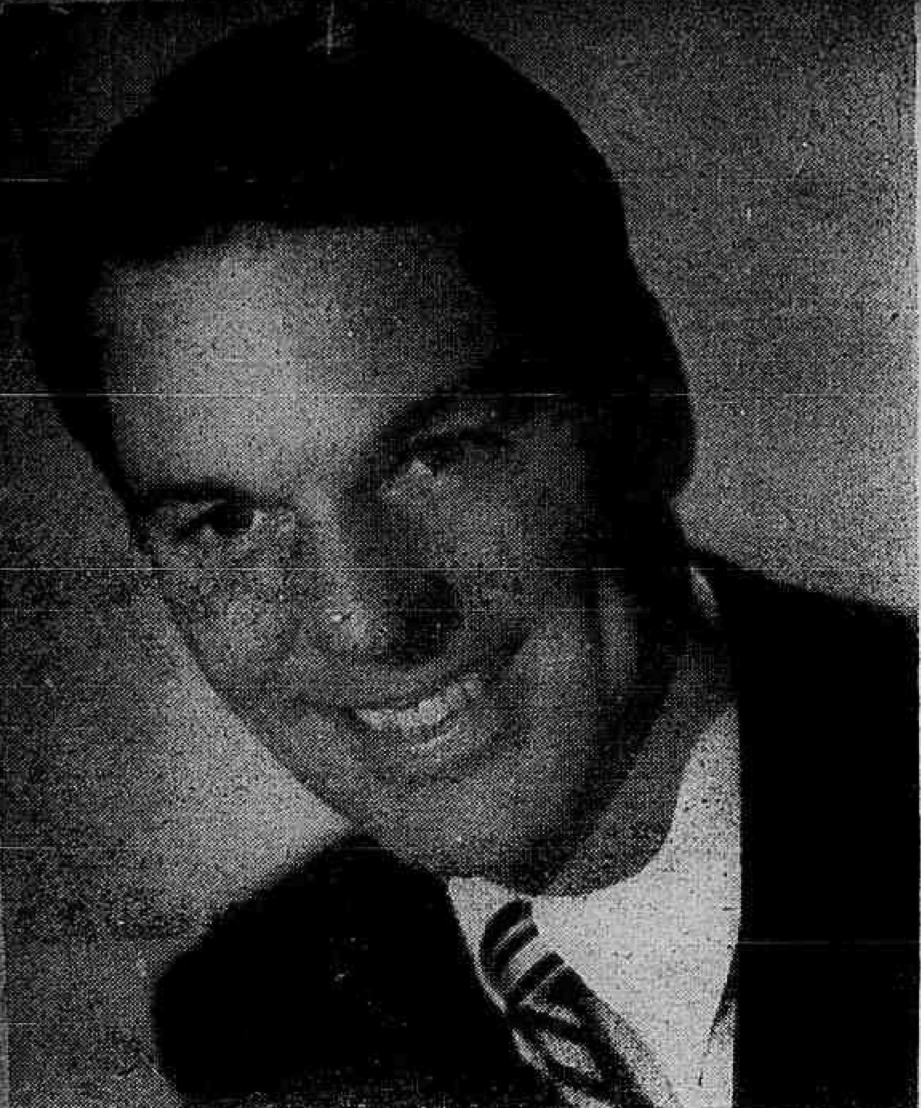
Quando se dirigia para embarcar com suas maletas, D. Julio chama-a pelo telefone e pergunta-lhe quais são seus planos, agora que não quer mais um marido rico:

— Vou trabalhar. Talvez arranje um emprêgo. Assim eu o esquecerei...

— Bem... se precisar de algo, avise-me...

A moça toma o rumo do aeroporto, onde há algum tempo havia desembarcado com tantas esperanças... Ao levantar vôo, ela olha pela janela do avião a bela paisagem de Acapulco a seus pés... Em breve torna-se uma miragem... As lágrimas correm por seus olhos e descem sôbre seu belo rosto de moderna Madona, ou melhor, de uma contemporânea Diana... Repentinamente uma mão lhe oferece um lenço! Ela já o ia tomar, inadvertidamente, quando olha para o dono e depara com Ricardo! Quer dizer-lhe algo, mas os soluços não o permitem. Ricardo faz um sinal para que ela se cale, e tomando a sua mão beija-a. Profundamente comovida e grata, sentindo que seu coração pulsa mais forte que o orgulho e a ambição, Diana, refeita, abraça-se com Ricardo, que a amara em silêncio! Um beijo apaixonado e longo sela um grande amor!

...e, assim, perde-se no horizonte o avião com um casal que partia em busca da felicidade... (Fotos Pelmex, novelização de D'Avril, especial para A CENA MUDA).



Entre os novos «galãs» contratados pela Warner Bros., revela-se Mark Dana, cujo sorriso e simpatia vocês bem podem avaliar pela foto que damos do novo artista, a primeira a ser publicada no Brasil. Mark Dana foi incluido no elenco dos próximos filmes da produtora de Burbank, e tudo indica venha a ser um sucesso na opinião das fãs!

CINE-VARIEDADES

Dizem que Lew Ayres, o sempre retraído ator de Hollywood está apaixonado, pois anda saindo muito em companhia de Mona Knox. Será que sai casamento dessa amizade? Tudo diz que sim...

★

Alice Faye que já foi um dos maiores nomes da Fox e também grande bilheteria do cinema, teve seu contrato terminado com aquela companhia e até agora não se falou em renovação. Afirma-se que a própria artista está pensando sèriamente em deixar o cinema e dedicar-se à vida particular. Ela não acredita em milagres...

★

O produtor Collier Young está planejando uma viagem ao Peru, afirmando que se trata apenas de um passeio no qual levará sua filha adotiva. Fala-se, porém, que o conhecido produtor tem outros planos...

★

Está abafado o recente caso entre Ida Lupino e Howard Duff, quando o ator deixou a espôsa "vendo navios" e não deu sinal de vida durante vários dias. Ida teve assim mais uma complicação sentimental de conseqüências graves para seu desolado coração de mulher...

★

Lana Turner mandou dizer que seguirá de Londres até a Holanda para filmar "True and the Brave", com Clark Gable. Mais uma produção americana tendo como cenário a velha Europa.

★

O sucesso do Cinerama é tão grande nos Estados Unidos que vários países pensam em adotar o novo invento que é aliás considerado muito melhor que o cinema liso, pois proporciona aos espectadores tomar parte na ação do filme que é projetado pelos três aparelhos!

★

Jane Wyman vai fazer um filme na Universal. A querida intérprete de "Belinda" falando recentemente aos jornalistas afirmou estar disposta a recuperar o tempo perdido, renovando sua carreira e seus filmes. Ela fará para a Universal, com Rock Hudson, "Magnificent Obsession".

★

Infelizmente o caso com Susan Ball é bem mais grave do que se pensava. Susan sofreu operação em um dos joelhos, acusando tumor maligno. O médico envida esforços para curar completamente a "estrelinha" que tão brilhante futuro tem à sua frente em Hollywood.

★

Roberto Stack com seu porte de "galã" e rosto simpático envereda por outro caminho na carreira cinematográfica, tornando-se ator característico. Êle aparece assim em "The Kiss and The Sword", da Columbia, produção de Sam Katzman, baseada num episódio da história da Inglaterra.

★

Frank Sinatra proibiu sua espôsa Ava de encontrar-se freqüentemente com Lana Turner, que o famoso cantor considera uma "amiga da onça". Acontece que Frank



Elizabeth Taylor está cada vez mais satisfeita com a vida do lar. A formosa «estrêla» da Metro aqui aparece com o seu filhinho Michael Wilding Jr., nascido a 6 de junho dêste ano. Elizabeth assumiu o papel de Vivien Leigh em «Elephant Walk», da Paramount, mas fará para os estúdios da marca do Leão, «A Jovem que tinha tudo». E tinha mesmo!



Na foto uma «new-face» da Warner em companhia do famoso astro Frank Lovejoy. Trata-se da «estrelinha» Joan Weldon, que com êle trabalha em «Nódoa Infamante». O estúdio concedeu aos dois um merecido descanso, e êles o aproveitam jogando golf, isto é, Frank, porque Joan ainda está aprendendo, e o seu galã faz visíveis esforços para ensinar...



Esta era uma família feliz até bem pouco tempo. Acontece que Gene Nelson foi filmar na Warner «Três Marinheiros e uma Garôta». A garôta é Jane Powell e o rapaz acabou apaixonado. Resultado, seguiu Jane por alguns «night-clubs» e divorciou-se para poder acompanhá-la a vida inteira. O quadro acima não se repetirá jamais! Infelizmente.

surpreendeu uma conversa de Lana a Ava, acusando-o de mau espôso e dando certos conselhos à "estrêla" para não deixar-se levar pelo temperamento... Frank não gostou e expulsou Lana de sua casa. O escândalo foi comentadíssimo na cidade do cinema.

★

Até agora não recebemos confirmação sôbre o telegrama que, vindo de Veneza, dava o ator Errol Flynn como paralítico de ambas as pernas após ter dançado com uma artista naquela festa cinematográfica. Errol está filmando intensamente na Europa e tudo poderia ser golpe de publicidade, de resto tão comum nos dias de hoje.

★

Maria Felix, que viajava rumo à Espanha regressou ràpidamente ao México para ficar ao lado do espôso Jorge Negrete, internado recentemente numa casa de saúde com ligeira doença.

Maria iria fazer uma película na Espanha, mas o projeto ficou para mais tarde. Ela gosta de cuidar melhor das coisas do coração. Não é sòmente experiência, mas também amor, muito amor...

★

Donald O'Connor ao contrário do que fôra anunciado não mais participará no filme "White Christmas", ao lado de Bing Crosby. Ninguém deu a conhecer a razão, coisa que anda intrigando meia Hollywood...

★

Está desfeito o boato do próximo nascimento do filhinho do feliz casal Rosemary Clooney e José Ferrer. Por enquanto, é cedo, dizem os dois...

★

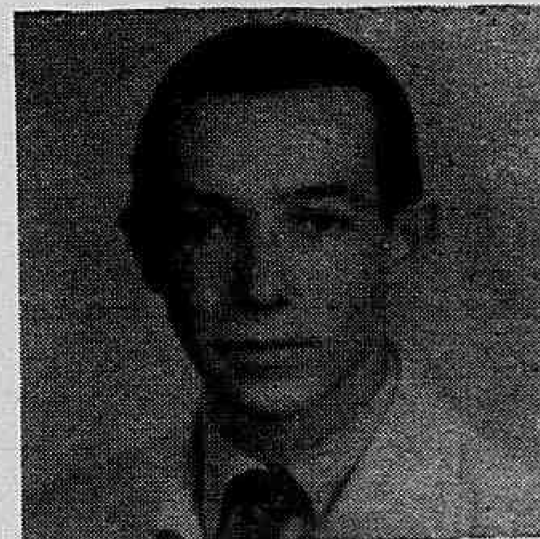
Robert Young, embora um pouco afastado do cinema, está fazendo um programa de sucesso no rádio, mantendo assim o seu cartaz junto ao público norte-americano.

★

June Allyson talvez não volte a filmar tão cedo. Saindo da Metro a artista trabalharia com o espôso Dick Powell, agora Diretor de filmes na RKO, mas dizem que não há papel para ela, pelo menos nos primeiros filmes do espôso.

★

Dick Haymes não será mais expulso dos Estados Unidos, é o que dizem os últimos telegramas a respeito do rumoroso incidente entre o artista e a Comissão de Imigração daquele país. Rita ficou ainda mais apaixonada pelo cantor e não vai sair de junto dêle tão cedo. Levará Yasmin para o novo lar e todos serão felizes.



José de Oliveira é um rapaz esforçado que começou sua carreira de operador cinematográfico em Juiz de Fora, e em 1951 veio para o Rio de Janeiro, contratado pela organização brasileira da Warner Bros. José de Oliveira é o primeiro operador cinematográfico brasileiro a lidar com TERCEIRA DIMENSÃO, tendo exibido até agora nada menos de trinta e cinco vêzes o filme «Museu de Côra», daquela Companhia, para convidados e imprensa.

84 LIVROS VIVOS À SUA ESCOLHA

LIVROS VIVOS, SÃO LIVROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE!

PEÇA HOJE!

POR PREÇOS BARATOS, OFERECEMOS A PRIMEIRA E MAIOR COLEÇÃO DE LIVROS JÁ PUBLICADA NO BRASIL!

- Anedotas — 169 - 15,00
- Correspondência Amorosa — Nº 21 — 15,00
- A Pata da Gazela — 238 - 10,00
- Assim se emagrece comendo — 156 — 15,00
- Erros de português e suas correções — Nº 26 — 15,00
- Tira dúvidas de português, pequeno dicionário — 69 - 15,00
- Vocabulário ortográfico de bolso — Nº 89 — 40,00
- Como evitar a solidão amorosa — Nº 18 — 15,00
- A Viuvinha e Cinco Minutos — 226 - 10,00
- Discursos para todas as ocasiões — Nº 122 — 15,00
- Ubirajara — 224 - 10,00
- Yes Sir! Inglês sem mestre — Nº 32 — 12,00
- Lucíola — 239 - 10,00
- Cartas de Amor — Nº 20 — 15,00
- Senhora — 241 - 10,00
- Regras e segredos p/ jogos de cartas — 51 - 15,00
- Iracema — 222 - 10,00
- Quo Vadis — 179 - 15,00
- Diva — 225 - 10,00
- Mme. Bovary — 195 - 10,00
- O Retrato de Dorian Gray — 181 - 15,00
- Crime e Castigo — 207 - 10,00
- A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual — Nº 92 — 15,00
- Calendário do Jardineiro Amador — Nº 16 - 15,00
- Conquiste amizades aumentando a sua simpatia pessoal — 161 - 15,00
- Espumas Flutuantes — Nº 46 - 10,00
- Aprenda Espanhol em quadrinhos — Nº 31 — 12,00
- Habilidades e proezas da Juventude — Nº 137 — 15,00
- As Chaves de Salomão — 198 - 15,00
- A Cozinha Nortista — Nº 86 — 10,00
- Inglês para as Américas — 52 — 20,00
- Dicionário de Rimas — 53 - 15,00
- As Amantes do Imperador — 206 - 10,00
- Seleções de Ruy Barbosa — 28 - 15,00
- A Moreninha — 227 - 10,00
- Cenas de Amor dos melhores romances — 81 — 10,00
- Para conquistar a mulher — Nº 124 — 20,00
- Para conquistar homens — Nº 136 — 20,00
- 45 lições Francês sem mestre — Nº 25 — 12,00
- Hábitos Sexuais do Homem — Nº 127 — 20,00
- Multiplicação das Plantas — 49 — 15,00
- Enxertia Prática — 50 — 15,00
- História de um Beijo — 232 - 10,00
- Os melhores pratos da cozinha francesa — Nº 79 — 10,00
- A Ortografia Correta — 168 - 15,00
- Manual do Motorista, mecânica-tráfego — Nº 36 — 15,00
- Guia íntimo da sexualidade — Nº 5 — 15,00
- Eletricidade do Automóvel — 61 - 15,00
- Dicionário de nomes próprios — 193 - 15,00
- Como ler as mãos — Nº 14 — 15,00
- O Homem que Ri — 210 - 10,00
- Hipnotismo Prático — 15 - 15,00
- O Nu através da arte — Nº 1 — 20,00
- Grafologia Prática — Nº 64 — 15,00
- A Dama das Camélias — 229 - 10,00
- Italiano sem mestre — Nº 24 — 12,00
- Desenvolva a memória — Nº 82 — 10,00
- Método de Corte e Costura sem mestre — 236 - 15,00
- Manual da Vida Sexual — 174 - 20,00
- Segredos de Hollywood para a beleza feminina — Nº 33 — 20,00
- Fórmulas para ganhar dinheiro — 153 - 15,00
- 1001 Informações Úteis, I Vol. — 192 - 15,00
- 1001 Informações Úteis, II Vol. — 247 - 15,00
- Manual do Detetive Amador — Nº 29 — 10,00
- Como se fazer amar — Nº 23 — 15,00
- Como tirar a sorte — Nº 39 — 15,00
- A arte de desenhar a mulher — Nº 42 — 30,00
- Horoscópios para todos — 197 - 15,00
- Formulário de Matemática — Nº 37 — 20,00
- Que é você? Mais homem ou mais mulher? — 164 - 15,00
- Testes de Inteligência — Nº 78 - 10,00
- Teste para os seus conhecimentos — Nº 34 — 15,00
- Alemão sem mestre — Nº 30 — 12,00
- O Casamento — 213 - 15,00
- A Felicidade Sexual no Casamento — 3 - 15,00
- A Besta Humana — 215 - 10,00
- Naná — 180 - 10,00
- A Taberna — 208 - 10,00
- A Carne — Nº 140 — 25,00
- Dicionário da Mitologia — Nº 9 — 15,00
- Ana Karenina — 218 - 10,00
- Quebra-cabeças, mágicas e passatempos — Nº 22 - 15,00
- Mademoiselle de Maupin — 216 - 10,00
- Cock-tail de palavras cruzadas — 157 — 10,00

VENDAS:

RIO: AV. RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884

SALVADOR: PRAÇA DA SÉ, 20 e 22

RECIFE: RUA DA PALMA - LOJA - 6 (EDIFÍCIO DOS COMERCIÁRIOS)

INTERIOR:

PEÇA PELO **REEMBÔLSO POSTAL** ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A

Avenida Rio Branco, 25 — Dep. 9-B — Rio de Janeiro

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL, os livros, cujos números indico abaixo:

....

....

....

....

....

BASTA INDICAR O NUMERO

NÃO MANDE DINHEIRO, OU SELOS, NADA ADIANTADO.

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há aumento de 10%.

(Não temos catálogos).

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....



PARECE QUE AGORA VAI!...

Escreve o leitor BRAGA FONSECA
(Caxambu)

ENQUANTO a cinematografia mexicana, juntamente com a argentina, iam avançando cada vez mais dentro do terreno de uma técnica mais aperfeiçoada e mais firme (apesar de alguns defeitos por vêzes de certa gravidade), o cinema brasileiro, tão falado e discutido, tão pequenino e combatido, marcava passos à sombra! . . . E o pior é que os que combatiam justamente a falta de eficiência, a péssima qualidade, o descaramento de nossa indústria fílmica, eram taxados de «antipatriotas», de implicantes e outras tantas tolices que não vale a pena enumerar. Êsses pseudos «inimigos» do nosso cinema eram portanto combatidos por aquêles que não compreendem ou não querem compreender os fatos que o bom senso apontava e aponta a cada passo, a cada instante. Pelas colunas do vespertino «Vanguarda» e também pelas páginas de A CENA, nós muitas vêzes abrimos fogo, com a nossa artilharia de ataque contra o cinema nacional . . . — E sempre combatemos e sempre voltaremos a combater os falsos técnicos, os filmes fracos e sem nenhuma expressão artística ou mesmo técnica. Seremos positivamente refratários a certos elementos sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma consciência e que visam única e exclusivamente fazer cinema sujo, cinema desprovido de arte, que é o cinema comercialista. Porque êsses elementos trazem em mente o seu objetivo indigno, que é o de uma angariação de fundos para as suas bôlsas já «recheadas», explorando o mais que podem o pobre do paciente público brasileiro, que se deixa levar por falsos valores . . . O resultado dêsses elementos mesquinhos é fácil de se ver: empilhados nas prateleiras estão os abacaxis de tôda sorte, os intragáveis filmes que se dizem musicais, e que nada mais são do que palhaçadas sem nenhum senso de humor! A êsses combateremos sim, ora se combateremos! E estamos certos de que não ficaremos sòzinhos em campo aberto. Apesar de tudo, para o bem do público e para felicidade geral do cinema pátrio, temos ainda no Brasil cineastas de inegável valor, de uma capacidade produtiva que ultrapassa a tôdas as espectativas, fazendo um cinema mais adulto, mais honesto o que já vale alguma coisa. Dessa maneira caros leitores, continua a marcha do cinema brasileiro . . . Nos últimos tempos desencadeou-se uma tempestade tremenda de filmes de tôda a sorte, que se possa conceber, um verdadeiro cataclismo de filmecos baratos, autênticos «shows» filmados com Oscarito e Grande Otelo, verdadeiros palhaços de picadeiro de circo de cavalinhos de 5ª ordem! . . . Esta é que é a verdade, doa a quem doer . . . Quem fala a verdade não merece ser castigado, portanto . . . Seguindo o dito popular, depois da tempestade sempre vem a bonança . . . E quer nos parecer (principalmente a nós que sempre fomos do «contra»), o dia da bonança, uma nova aurora, despontou nos horizontes da nossa cinematografia. . . E tudo parece ter começo mais ou menos e resumidamente assim: Cavalcânti chega ao Brasil . . . Movimentam-se os técnicos, diretores, produtores, cenaristas, cinegrafistas, etc., para a Capital bandeirante. Surge a Vera Cruz e com ela outras emprêsas de maior ou menor valor . . . Cavalcânti é combatido por uns, atacado por outros, não dá «bolas» às línguas ferinas e continua no seu trabalho de fazer um bom cinema. Incentiva de maneira extraordinária a todos aquêles que são bem intencionados . . . E com a saída de Cavalcânti da Vera Cruz, muita gente pôs-se em brio e decidiu provar que se pode realmente trabalhar quando se quer. O resultado disto tudo, aí temos: gente mais digna, com maior vontade, grandes emprêsas e bons filmes. As companhias cariocas continuam naquele mesmo « renhe-renhe », enquanto São Paulo toma a liderança no setor cinematográfico! . . . Ninguém poderá negar que a turma da terra de Piratininga, abriu novos horizontes, desfraldando a bandeira do progresso a bem da nossa indústria de filmes . . . Estão renovadas as nossas esperanças! Para frente é que se anda! E como prova cabal de tudo o que dissemos, aí está o exemplo de «O Cangaceiro», de Lima Barreto, que veio de obter aquela notável classificação no Festival de Cannes . . . Parabéns a Lima Barreto, e a todos aqueles que souberam honrar e defender o nome do cinema brasileiro! . . . E saibam, podemos afirmar categòricamente: PARECE QUE AGORA VAI! . . .

AOS LEITORES

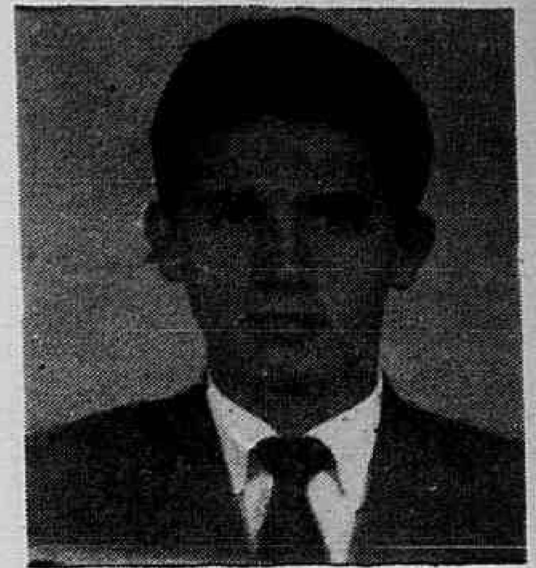
A CENA MUDA atenderá tôdas as cartas que forem endereçadas à sua redação, contendo perguntas sôbre cinema, rádio, teatro e música. Também aceitaremos colaborações dos leitores sôbre os mesmos assuntos. As colaborações serão publicadas após uma seleção entre os trabalhos enviados e não devem ultrapassar o limite de duas laudas datilografadas ou não, escritas de um só lado do papel.

A secção «Um Lugar ao Sol» publicará fotos de leitores que desejam ingressar no cinema, rádio ou teatro do Brasil. A secção «Galeria dos Leitores» publicará retratos de nossos leitores, novos ou antigos. Qualquer carta endereçada aos artistas nacionais, será entregue por intermédio de A CENA. Vocês, leitores, podem escrever para Anselmo Duarte, Eliane Lage, Fada Santoro, Oscarito, Cyll Farney, Carlos Cotrim, Dóris Monteiro e tantos outros, enviando suas cartas por intermédio de A CENA que está sempre em contacto com os artistas do cinema brasileiro.

Disponham todos de A CENA!

O REDATOR

UM LUGAR AO SOL



O leitor Nelson Prado Rodrigues, da rua Marechal Pego Júnior, 81, Santos, Estado de São Paulo, com 18 anos, medindo 1,70, deseja ingressar no cinema brasileiro, candidatando-se a aparecer nos filmes nacionais. E' um moço que merece uma oportunidade.

O GÊNIO CHARLES CHAPLIN

Do leitor SEBASTIÃO GARCIA DE SOUZA

Inspirado pela admiração a "Charles Chaplin", resolvi escrever a "A CENA MUDA", uma crônica sôbre o artista.

Apesar de já muito comentado o assunto, espero que possa juntar minhas considerações às outras.

Charles Chaplin é um verdadeiro artista no sentido corrente da palavra. Se algum nome de valor universal tem de ser gravado no passar de nossa época, é o seu. Foi êle quem converteu em pirueta o sentimentalismo; a êle voltou o mundo em risos e lágrimas de recém-nascido.

Charles pode ser definido como uma alma tímida e cortez.

Charles o rei do riso. Seu espirito se quebra de fino, difunde sua ternura multireflexa. Alma elementar, difícil, humilhada, é compreendido pelos intelectuais e pelo povo.

Charles tem representado como um viajante de chapéu grande e uma maleta na mão, e talvez uma novela de Dickens na maleta.

Êle se acha perdido na selva, se vê obrigado a lutar com a natureza virgem. Seus instrumentos são suas mãos, seus costumes, porém são inadequados à situação; porém êle tem que adaptá-los com o ambiente — Alma européia desgajada, transplantada para a América.

Esta visão arbitrária de Charles Chaplin penso que pode estender-se e explicar o caso de um americano qualquer. O americano é, em definitivo, um homem que luta com um mundo novo. A vida do americano oferece uma sensação de violência; também de vida provisional substraída às normas originais.

Charles vem a ser com isto um protótipo, é um "yankee", em "O Emigrante" chegando ao novo mundo.

E em "O Circo" — a admirável narração de valor auto-biográfico, que é a prova de atitudes Clownescas. O interessante é que a espectativa com que êste filme de Charles era aguardado, não estava provocado por estímulos de publicidade. Pelo menos no que se refere à minoria intelectual. vértice de tal avidez, reconhecia uma motivação mais profunda. O magnífico contra-luz que "O Circo" oferece para um perfil definitivo do excepcional artista. Muitos consideram a Charles Chaplin como sucessor dos grandes "clowns" inglêses.

A consideração a Chaplin neste filme é interessante. "O Circo": uma arte madura, com poucas surprêsas. "Chaplin": jovem, ágil e novo. "O Circo": arte de côres, de lindas curvas. "Chaplin": luz, sombra e planos. "O Circo": sujeito a normas inflexiveis. "Chaplin": livre, arbitrário, cheio de vitalidade.

Era de se esperar que sua presença produzisse uma renovação nos motivos tradicionais.

Porém... Chaplin é em "O Circo" o mesmo homem que entra por uma porta e sai por outra, é um vagabundo, vagabundo de sempre.

Uma difícil, lenta e oculta elaboração tem dotado de tão densas qualidades a obra, que cada gesto, cada olhar do protagonista tem uma poderosa carga de sentido artístico.

Neste aspecto, "O Circo" é a obra mais homogênea de Chaplin; o caráter central não está desvirtuado em nenhum momento; o final é cerrado e terrível.

Começa a película mostrando esquemàticamente o interior de um circo, a conhecida bipolaridade da farsa. Em seguida entra Chaplin, por um ângulo do écran.

(Cont. na pág. 34)

LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

VICTOR MATURE

(Cont. da pág. 9)

— Será um prazer ver a baía de Guanabara... Glenn Ford está por lá, filmando... Eu espero fazer o mesmo, algum dia...

Depois falamos de livros, pois o ambiente da biblioteca do artista pesava em nossa conversa. Victor surpreendeu com a sua opinião a respeito de literatura:

— Prefiro os clássicos... Estive lendo Bernard Shaw durante as filmagens de «Androcles e o Leão», e gostei tanto que agora leio a obra completa... Tornei-me um fã de Shaw, que não conhecia...

O astro levou-me depois até sua ampla sala de estar e serviu-me um coquetel. Fiquei encantada com o conjunto de sua residência e o bom gôsto da decoração. Uma coisa notei logo, a despreocupação de Mature em parecer um bonitão. Creio mesmo que Victor Mature seja na vida real bem diferente, na maneira de pensar e agir, do tipo que cria na tela. Lembramos juntos os tempos em que êle aparecia nos musicais e em papéis frívolos. Victor me confessou num desabafo:

— O meu pior tempo!... Hoje avalio que papel triste eu fazia, aceitando aquêle tipo de arte... Ainda não estou plenamente satisfeito com a minha carreira, mas não tenho motivos atualmente para me queixar. Faço os filmes que gosto e assim há de ser enquanto meu cartaz continuar no ponto a que consegui chegar. O resto é ilusão...

Voltamos à biblioteca e ficamos ainda alguns instantes conversando sôbre banalidades de Hollywood. Despedi-me do artista, convencida de que também Hollywood engana nas aparências. Eu própria imaginava que iria encontrar um rapaz preocupado com o traje, o cabelo, a expressão do rosto, como é próprio a um «bonitão», e estivera com um homem saudável, simples, culto, inteligente e destituído de vaidades pessoais. Antes de tudo, Victor Mature, surpreende pela naturalidade. Isso é grande coisa num «astro» que sabe o quanto terá ainda de percorrer nessa Hollywood de coisas inesperadas. Nada melhor para vencer qualquer crise por aqui, do que paciência e bom senso, principalmente bom senso...

KATHRYN GRAYSON

(Cont. da pág. 6)

Tem um metro e sessenta de altura, pesa cinqüenta e quatro quilos, tem olhos côr de avelã, cabelos castanhos e brilhantes, faces muito coradas e uma quantidade enorme de energia.

Sua recordação favorita é um velho porteiro do Teatro Municipal de St. Louis. Êle a fazia cantar diàriamente, animando-a com seu aplauso de renovado entusiasmo. A última vez que fêz isso, cantando para o bom homem, foi que descobriu uma coisa de espantar: o seu maior fã e encorajador era surdo!

Fomos visitá-la em seu "camarin" nos estúdios da Warner durante a filmagem de "Gloriosa Consagração", que nos leva até os dias de glória da "estrêla" do canto, Grace Moore, que continua a ser personalidades inesquecíveis do mundo musical.

Miss Grayson falou emocionada de seu papel:

— Não poderia ser melhor o presente da Warner nesse início de carreira em seus estúdios. Sempre sonhei viver Grace Moore no cinema, pude satisfazer o meu ardente desejo. Estou procurando interpretá-la com o coração, apenas com o coração, para que saia mais fiel.

Kathryn Grayson mostrou-se contentíssima pela renovação de sua carreira que parecia ter chegado ao auge, e agora está apenas no início, com apenas dois filmes de conteúdo novo e diferente, mas perfeitamente adaptáveis ao seu tipo de "estrêla", e ainda magníficos para fazer desfilar sua voz, cada vez mais encantadora!

AGUARDEM!

Um manancial de informações, contendo entre outros mil assuntos: informações sôbre o Ano **Cristão, Católico, Evangélico, Israelita, Aeronáutico, Científico, Artístico, Ex Librístico, Agrícola, Horoscópico, Calendários Católico, Israelita e Evangélico.**

★

Informações de interêsse geral para os amantes de: **Ciência, História, Teatro Amador, Novelas Policiais, Históricas e de Amor, Fábulas e Contos Infantis, Agricultura, Quebra-Cabeças, Ex-Libris, Economia Doméstica, Testes e Decifrações, Aventuras, Estatísticas, Geografia, Medicina, Arquitetura, Viagens, Assuntos Recreativos, Automobilismo, Mecânica, Aviação, Invenções, etc. Um romance completo. Uma comédia para representar e outros assuntos.**

★

As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

ALMANAQUE
EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — R. VISC. DE MARANGUAPE, 15 — LAPA

TEM CASPA?
Caem os Cabelos?
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS
JUVENTUDE ALEXANDRE
ELIMINA A CASPA
Evita a Quéda

LUCRÉCIA BÓRGIA

(Cont. da pág. 25)

fôrça de vontade. Seria um dos apaixonados de Lucrécia. Sua máscara condizia com o papel e êle não se negava a aprender os detalhes essenciais para interpretá-lo da melhor maneira. Não foi difícil, depois, encontrar apoio dos produtores e levar avante o projeto em que me empenhara de corpo e alma.

Como pedissemos sua opinião sôbre Martine Carol no papel de Lucrécia Bórgia, Christian-Jacque fêz as seguintes referências à querida artista francesa:

— Acho que os fãs irão vibrar com a Lucrécia vivida por Martine Carol. A «estrêla» foi além da minha espectativa. Todos, enfim, se conduziram de modo a não deixar dúvidas quanto à aceitação por parte do público. Sei que os críticos terão motivos de sobra nesse meu novo filme para comentários sôbre o tratamento que lhe dei. Adianto que fiz a Lucrécia que imaginei e dei-lhe o tratamento cinematográfico imaginado durante anos. Recolhi as emolações de uma história de sua vida, levando-a ao cinema sem a fidelidade em alguns pontos de pouco interêsse, mas ressaltando em particular sua vida amorosa, e usando a audácia em muitas seqüências para mostrar o poder de uma mulher bonita e de vontade férrea diante dos homens que a cortejaram durante uma era de ódio e vingança!

O MONUMENTAL «SPARTACO»

(Cont. da pág. 19)

outra, as legiões enviadas para conter a revolta, são dizimadas pelo exército de Spartaco. O Senado se vê obrigado a enviar Crassus em pessoa, para evitar que o gladiador se apodere de Roma.

A situação se torna grave e durante uma longa trégua de represálias, Spartaco, que é perseguido, se refugia por acaso na mansão de Sabina, em Nápoles. Sabina crê que Spartaco corresponde à sua violenta paixão, mas se engana; Spartaco consegue dominar-se, e, resistindo à beleza da jovem, volta para junto de seus companheiros, lembrando-se de que sua missão não está terminada. Amytis, porém, percebe a situação, e acreditando estar Spartaco enamorado de Sabina, é prêsa de loucos ciúmes. Enquanto isto, Crassus tem uma difícil missão: evitar uma batalha definitiva entre romanos e escravos, batalha essa que só poderia ser catastrófica. Também Spartaco desejaria evitar êsse combate, com a condição de Crassus prometer libertar definitivamente todos os escravos. Há, no entanto, um dramático encontro entre os dois chefes, que tem lugar longe do campo de batalha de Spartaco. Por sua vez, Amytis — incitada por Ocnomao — o lugar-tenente de Spartaco, que lhe inveja a posição, decide desencadear a batalha final, crendo-se injustamente desprezada pelo homem amado. E assim tem lugar o combate; Spartaco chega demasiado tarde, mas entra na luta assim mesmo. Bate-se inùtilmente, heróica e corajosamente, mas é eliminado, juntamente com todos os seus homens, pela dominante fôrça do exército romano. E sôbre o corpo do jovem gladiador, Amytis invoca, com remorso pelo seu irrefletido gesto, o perdão divino!

O GÊNIO CHARLES...

A cena da corda bamba resume em sucesso a tragédia moral de Chaplin.

Depois revela-o na impossibilidade de realizar seu amor, e é mesmo, incomparável amante que põe a moça nos braços do rival.

Sua falsa alegria é um prodígio.

O circo vai-se embora, e o pobre Chaplin fica parado ali onde o circo estava acampado; o centro de uma circunferência de terra removida, junto a uma estrêla negra de papel.

Todos os caminhos a se abrir-lhe de novo, não o levam a nenhum caminho. A fatalidade o reduz, reduz a uma perspectiva larga, e nada mais.

Nesse final patético, uma linha do rosto, um movimento indiferente dos ombros adquirem um apreciável valor expressivo.

E o espectador coloca automàticamente o nome de *"Charles Chaplin"* entre os maiores da arte.

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda — Rua da Carioca, 35 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Sensacional!
CR.$ 50 — ÁLBUM RUBRO NEGRO
CR.$ 40 — ÁLBUM CRACK
CR.$ 5 — VIDA DO CRACK
À venda nas Bancas de Jornais
Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733



MÚSICA PARA A JUVENTUDE

(Terceira Série)

JOSÉ SIQUEIRA, um dos mais conhecidos compositores e regentes brasileiros, é o autor de — **Música para a Juventude.**

Trata-se de uma obra que, como o nome indica, se destina à mocidade brasileira, essa mocidade que êle tanto ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da **Orquestra Sinfônica Brasileira,** os **Concertos Dominicais para a Juventude.** Dispondo de segura experiência didática, com vários livros publicados como, **Regras de Harmonia, Canto Dado em XIV Lições, Curso de Instrumentação, Modulação Passageira, Sistema Trimodal Brasileiro, José Siqueira** traça neste livro — um programa de ensino, vivo e palpitante, do qual se beneficiará não só a juventude, mas quantos tiverem a oportunidade de o ler e estudar. **Música para a Juventude** está dividido em quatro partes referentes às quatro **séries ginasiais** e envolve conhecimentos de **Teoria Musical,** de **Canto Orfeônico,** de **Música e Músicos Brasileiros,** de **Contraponto,** de **Harmonia,** das **Grandes Épocas** da **História da Música,** das **Escolas Musicais,** do **Folclore Brasileiro,** da **Prosódia Musical,** das **Formas Musicais,** da **Instrumentação,** da **Orquestração** e da **Banda de Música.** É um livro ilustrado com inúmeras fotografias e grande quantidade de exemplos musicais; um trabalho que vem de preencher uma grande lacuna existente no ensino da Música em nosso país e que nos pareceu definitivo em sua forma e em seu conteúdo.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 200,00

Pedidos a ROSA PAULA MACHADO

AVENIDA NILO PEÇANHA Nº 12 — SALA 1.207 ★ RIO DE JANEIRO





Óleo de peroba, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos moveis velhos.

